



ADEMIR PASCALE
GIAN DANTON
organizadores

NATAL FANTÁSTICO

NATAL FANTÁSTICO

NATAL FANTÁSTICO

Copyright © 2012 Infinitum Editora Virtual

Capa e Diagramação por Marcelo Bighetti



ÍNDICE

- 5 PREFÁCIO
- 9 O NATAL DE LÚCIFER
Edweine Loureiro
- 15 CANÇÃO DE NATAL
Gian Danton
- 23 O HOMEM QUE QUERIA DESTRUIR O NATAL
Danny Marks
- 32 AS MOIRAS
Ben Green
- 41 O NATAL DOS GÊMEOS
Priscila Boltão
- 50 SE ACREDITARES!
João Manuel da Silva Rogaciano
- 59 O MENINO QUE VÊ A VERDADE
Andrea Carvalho
- 68 DESEJO REALIZADO
Reinaldo Yamauchi
- 76 TOMÁS FRANCELISE
Márcia Rompkovski
- 83 UM CONTO SOBRE ENCANTO
Edileuza Bezerra de Lima
- 92 SINOS DE NATAL
Miguel Carqueija

PREFÁCIO

Inspirado no conto *A Christmas Carol* (Um Conto de Natal), do escritor inglês Charles Dickens (1812-1870), este e-book foi ideia inicial do escritor e roteirista de histórias em quadrinhos Gian Danton, criador da *graphic novel* “Manticore”, ganhadora dos prêmios Angelo Agostini e HQ Mix. Gian fez o convite e aceitei prontamente em organizar juntamente dele esta obra, principalmente por conhecer bem e curtir muito a história pessoal de Charles Dickens, que criou o conto *A Christmas Carol* (1843) especialmente para pagar dívidas, tornando-se um dos maiores sucessos mundiais, sendo adaptado até os dias atuais em desenhos animados e longa-metragens.

Dickens, quando criança, devorava centenas de livros de renomados autores, como Daniel Dafoe, Tobias Smollett e Henry Fielding. Ele não pertencia a uma família rica e seu pai era um homem mergulhado em dívidas, até que um dia fora preso por muitos anos. A família perdeu praticamente todos os bens, sendo forçados a morar num quarto barato no bairro de Camden Town, em Londres. O pequeno Charles, com doze anos de idade, fora obrigado a trabalhar duramente em uma empresa de graxa para sapatos chamada Warren’s. A função do garoto era a de rotular incansavelmente inúmeros frascos de graxa.

Com poucos anos de idade Dickens carregava o peso de sustentar a devedora e pobre família, o que posteriormente o inspirou na criação de dezenas de obras literárias. A primeira fora lançada em 1836 “The Pickwick Papers”, a segunda, um grande sucesso até os dias atuais “Oliver Twist” (1837-1839). Ainda lançou outros famosos romances, entre eles David Copperfield (1849-1850), “A Tale of Two Cities” (1859) entre outros. No total foram 44 obras produzidas.

O escritor teve dez filhos com Catherine Thompson Hogarth, esposa da qual divorciou-se em 1858, ato reprovável na era vitoriana. Sua vida não foi nada fácil. Faleceu de morte cerebral em 1870. E em sua lápide fora escrito “Apoiante dos pobres, dos que sofrem e dos oprimidos”.

Esta obra intitulada “Natal Fantástico” visa celebrar um dos contos mais conhecidos do grande Dickens. Eu e Gian Danton recebemos mais de cinquenta contos de autores residentes no Brasil, Japão e Portugal. Alguns contos foram reprovados por não seguirem as normas do regulamento. Outros não passaram em nossa seleção por não estarem adequados a nossa proposta. E hoje você leitor poderá conferir os vencedores, que são Miguel Carqueija, João Manuel da Silva Rogaciano, Priscila Boltão, Edweine Loureiro, Andrea Carvalho, Danny Marks, Edileuza Bezerra de Lima, Márcia Rompkovski, Reinaldo Yamauchi e Ben Green, com um conto bônus do também organizador Gian Danton.

Agradeço ao Gian pelo convite na organização e a Mariana Travieso Bassi, editora da Infinitum Libris, por abrir as portas a este maravilhoso projeto. A capa e diagramação ficaram por conta do nosso amigo e parceiro Marcelo Bighetti, autor e artista gráfico que vem desenvolvendo um excelente papel no meio literário.

Desejo um Feliz Natal e um próspero 2013 para todos. E rezemos para que o mundo não acabe tão cedo ;)

Ademir Pascale
Escritor e ativista Cultural
odesejodelilith.blogspot.com



A vertical Christmas tree on the left side of the image, illuminated with warm white lights. The background is a dark, snowy night landscape with a snow-covered hill and evergreen trees. The sky is dark with scattered white stars and snowflake graphics. The overall color palette is dominated by dark blues, greys, and whites, with the warm lights of the tree providing a focal point.

O NATAL DE LÚCIFER

Edweine Loureiro

O NATAL DE LÚCIFER

Edweine Loureiro

*E ouvireis de guerras e de rumores de guerra;
olhai, não vos assusteis, porque é necessário
assim acontecer, mas ainda não é o fim.
(Mateus, 24:6)*

Vossa Excelência também irá neste ano à celebração do aniversário de seu irmão? — pergunta-lhe o assistente, que é imediatamente carbonizado pela ousadia.

— Maldito seja este dia, — queixa-se o Príncipe das Trevas — em que tenho que ir até o Reino do Pai para prestar homenagens ao filho predileto.

Não, esse ano ele não fará mais este papel degradante. Ficará ali, no seu lar. Não importa quantas mensagens venham das alturas. Ele tem dignidade: prefere passar em seu reino, entre os condenados, a reverenciar o irmão embusteiro.

Ainda se lembra daquele ano, em que, seguindo as orientações do Pai, convenceu o Rei Herodes para que assassinasse o recém-nascido. Ele, o Anjo Caído, o Filho Renegado, sendo chamado ao Palácio celestial para ajudar no plano divino.

— Heilel ben-shahar, és tão meu filho quanto ele o será. A oposição entre vós garantirá o equilíbrio no mundo das criaturas. Portanto, não te preocupes. Ele não vem para tomar o teu lugar. O que tens que fazer agora é incutir o temor no coração de Hero-

des. Um outro anjo se encarregará de guiar a criança, juntamente com seus pais terrenos, para um lugar seguro. Lembra-te: faz tudo parte do Meu plano, no qual tu és tão importante quanto o recém-nascido.

— Conversa, — protesta Lúcifer, às paredes de seu aposento. — O favorito é, foi e sempre será o Nazareno, pois foi ele quem oficialmente se sacrificou para salvar as criaturas, num teatro muito bem armado, em que a Morte nem chegou a participar de fato. Ele é que foi o protagonista daquela história muito bem escrita pelo Pai, e vendida às criaturas como *Ressurreição*. Ele passou como herói e eu, o desgraçado Lúcifer, mais uma vez fiquei como o eterno vilão, condenado ao submundo. E, depois do papel vergonhoso a que fui relegado, ainda tenho que pagar tributo a seu nascimento, numa data qualquer inventada pelas criaturas?

Nesse momento, em outro ataque de fúria, Lúcifer arranca o coração de um outro assistente que viera perguntar-lhe a que hora planejava ir até o Reino Superior.

— Não, Senhor, para mim basta! — vocifera Lúcifer, olhando para o alto. — Faça o que o Senhor achar melhor! Castigue-me, se quiser! Mas essa noite eu não subo à Sua morada!



Enquanto o Príncipe das Trevas continua absorto em seus pensamentos, bate-lhe à porta mais um assistente.

— E agora, o que foi? — indaga-lhe, amuado.

E o assistente, hesitante:

— Mestre... Seu irmão... está aqui... para vê-lo.

O anúncio pega Lúcifer de surpresa. Esperaria tudo, menos aquilo. Ele, o favorito, vindo visitá-lo? E na noite do próprio aniversário? Isso era mais outro dos planos do Pai, apostava. Mas — reconsidera —, uma vez que o Nazareno está aqui, por que não o receber?

— O que está esperando, seu traste? Faça meu irmão entrar!
— grita ao assistente, que se retira, tremendo, para cumprir as ordens de seu senhor.

Pouco tempo depois, entra Jesus:

— Então, a que devo a honra, meu irmão? Depois do teatro que encenamos sobre a tua Ressurreição, jamais me havias visitado... Há dois mil e doze anos, para ser exato. — e, completando, com um sorriso irônico: — A propósito: Feliz Aniversário.

E Jesus, com aquele olhar plácido, que tanto irrita Lúcifer:

— Vim convidar-te para o Reino Superior...

— Eu já avisei por meus mensageiros que esse ano eu não poderei.

Nesse momento, Jesus faz sinal para que Lúcifer termine de escutá-lo.

— Vim convidar-te para que venhas HABITAR no Reino Superior... ao lado do Pai.

Lúcifer, levantando-se do trono, não pode acreditar no que acaba de escutar. Que jogo era aquele, agora? E, colérico, grita ao outro:

— Chega de jogos, Nazareno! O que o Pai e tu planejais desta vez? Pensam que me enganam? Eu sou o mestre das artimanhas, esqueceste? — e, exasperando-se, começa a caminhar em círculos. — Ora! Onde já se viu? Convidar-me para sentar no trono celestial, ao teu lado e do Pai! Como se...

Mais uma vez, porém, Jesus o interrompe:

— Eu não disse que estaria convosco. Não, Lúcifer, não te equivoques! Tu estarás sentado ao lado do Pai, mas no MEU lugar! Eu vim aqui, hoje, exatamente para isto: despedir-me de ti!

O Anjo Caído olha atordoado para o irmão. Despedir-se?

Que história mal contada era aquela...?

— Escuta, Nazareno! Tenho muito o que fazer. Hoje mesmo chegarão três advogados que morreram num acidente aéreo. Portanto, como deves imaginar, estou deveras ocupado para tuas brincadeiras. Sei que é teu aniversário, mas isso não te dá o direito de vir aqui pregar-me peças.

E Lúcifer abre a porta para que o irmão se retire, mas é interrompido por um tom de voz que fez tremer todo o Inferno:

— Respeita-me, Heilel ben-shahar! Acaso pensas que estou para jogos?! Vim aqui com um propósito sério. Sim, hoje é dia de meu aniversário. Mas a verdade é que nada tenho a comemorar. Ao contrário, vejo com tristeza aquilo em que se transformou esta data ao longo dos séculos, com as criaturas profanando e deturpando seu original sentido — criando figuras folclóricas de anciãos bondosos, para mergulharem em um consumismo desesperado e desesperador! Sem falar que, contrariando a mensagem de paz e amor pelo próximo que a data deveria significar, estas mesmas criaturas optam por continuar digladiando entre si, em nome de bandeiras e riquezas. E foi justamente para corrigir tais distorções que fiz este pedido ao Pai, no dia da celebração de meu nascimento: quero — e preciso — reencarnar mais uma vez, para trazer os mil anos de Paz prometidos por meus profetas às criaturas. E tu, Lúcifer, depois de tantos milênios de serviços prestados, finalmente terás o teu descanso. E ao lado do Pai, por toda a Eternidade! — e, olhando fixo para o irmão, Jesus completa — Então, o que me dizes? Aceitas?

E Lúcifer, agora mais calmo:

— Desculpa, irmão. Não quis ofender-te. Mas tens que entender que tudo isto pegou-me de surpresa. Por favor, dá-me algum tempo para pensar. Antes que a noite se faça, estarei em frente ao Pai e a ti, para dar-vos uma resposta.

Mas Jesus o alerta:

— A reencarnação já está decidida. Quero somente que venhas descansar ao lado do Pai. Tu mereces isso!

— Sim, entendo. — concorda Lúcifer. — É só o tempo de aprontar-me para a tua celebração. Agora, por favor, espera-me, com o Pai, no Reino Superior.

E Jesus, concordando, retira-se.



Algumas horas depois, os Céus abrem as portas para Lúcifer, o Anjo Caído. As trombetas soam, e outros arcanjos — entre eles Miguel, Gabriel e Rafael — saudam o Rebelde, que até aquela data encenara tão bem o papel diabólico destinado a ele pelo Pai.

No salão principal, Jesus vem recebê-lo:

— Venha comigo, irmão. Permita-me conduzir-te até o Trono. Logo, também o Pai estará aqui para receber-te em toda a Glória.

O olhar de Lúcifer não esconde a imensa felicidade que estava tendo naquele instante. Finalmente, o momento do reconhecimento chegara. Ele não mais estaria relegado ao papel de coadjuvante, soberano apenas no mundo inferior. Aquele, de fato, seria o melhor Natal de sua vida. Em sua tão flagelada existência, jamais poderia imaginar que, um dia, receberia tão grandioso presente.

Porém, no momento em que se aproximava do Trono, a voz do Pai ecoou pelo salão, fazendo estremecer a todos:

— Não, Heil el ben-shahar. Tu não pertences a este lugar. Retira-te. Volta a teu Reino!

Lúcifer parou, aturdido. Olha para os lados, tentando compreender o que está acontecendo. Jesus, por sua vez, resolve interceder:

— Ó Pai, que fazeis conosco? Prometestes a mim que hoje retornaria. Prometestes que...

— O que Eu prometi, filho, foi que tu reencarnarias hoje. E assim será. Mas não que teu irmão ficaria aqui, para reinar Comigo. Não é este o plano que tracei *ab initio*. Todos devem cumprir seus papéis. Tu, inclusive, Jesus, renascerás: para, outra vez, seres injustiçado e sacrificado pelas criaturas.

E para Lúcifer:

— Conforma-te, Heilel ben-shahar! Jamais poderás reinar ao meu lado. É o teu destino.

O Príncipe das Trevas não acredita que o Pai o expusera a tamanha humilhação. Logo a ele, que sempre aceitara tudo o que lhe fora ordenado. Quão Injusto era o Pai para com ele.

E, em silêncio, Heilel ben-shahar retira-se do Reino Superior, decidido a nunca mais retornar.



Nesta noite de Natal, o submundo parece ainda mais triste e cruel. Tomado pelo rancor, Lúcifer não poupa a nenhum prisioneiro. Um por um, são imediatamente levados às fornalhas ou decapitados. Sangue jorrava das brechas nas paredes. Corpos espalhados pelo chão. Assistentes e concubinas do Príncipe das Trevas por ele executados. Ninguém escapade sua ira.

Pior ainda: insatisfeito em espalhar o terror no submundo, ele resolve enviar mensageiros ao mundo das criaturas. E, como consequência, naquela noite de Natal, o planeta azul testemunha explosões de conflitos, ondas de suicídios e assassinatos por todas as partes. Países poderosos rompem relações e declararam guerra — não mais uma guerra, e sim aquela que seria a maior de todas: a Terceira e Última Guerra Mundial.

Enquanto isso, num bairro de imigrantes localizado no coração da União Europeia, Cristo renascia, para trazer a Paz ao

mundo das criaturas.

E, do Reino Superior, vendo que Seu plano começava a funcionar, Deus esboçou um sorriso.



A vertical Christmas tree on the left side of the frame, illuminated with warm white lights. The background is a dark blue night sky with falling snow and several white stars. The overall mood is festive and serene.

CANÇÃO DE NATAL

Gian Danton

CANÇÃO DE NATAL

Gian Danton

Tudo era trevas. Uma treva densa e terrível, que podia ser tocada e apalpada. Para qualquer lugar que se virasse, era apenas o que via: a cor preta se espalhando como ondas, inexorável.

No começo, ele gritou, gritou e gritou, mas não obteve resposta. Nem mesmo sua voz em eco o respondia.

Sentia-se só, imensamente só, como jamais imaginou que pudesse se sentir.

Como chegara até ali? Como se envolvera naquela armadilha de solidão e brumas?

As imagens vinham em sua mente como flashes, insistentes, fotos gravadas em sua retina. Ele via a si mesmo (como podia ver a si mesmo?) caído no chão, os braços ensanguentados, as veias abertas. O sangue escorria e espalhava-se, sujando os livros, revistas e folhas de cadernos espalhados pelo piso. CDs de música e DVDs caídos completavam o cenário.

No começo, achou que alguém o tinha matado, depois percebeu a terrível verdade: era ele que tinha cortado seus próprios pulsos, usando uma lâmina escolar. Sentia-se angustiado e queria fugir daquilo tudo. Queria fugir da dor. Mas a dor nunca sumia. Não se podia fugir dela. Ela ainda estava ali, com ele, no meio das trevas.

Às vezes, pensava na mãe. Ela o chamara quando ele entrara em casa, mas ele não respondeu. Era véspera de natal. Ela estava

na cozinha, sentada à mesa, tirando sementes das passas. Gostava de colocar passas na comida, mas nunca comprava sem sementes. Dizia que não tinham gosto. Daniel nunca entendera por que ela tinha tanto trabalho.

O rapaz passou direto para o quarto, a mochila pesando sobre seus ombros.

Da cozinha vinha o cheiro de peru assado. A lâmina parecia querer escapar de suas mãos, ele lembrava agora, mas mesmo assim apertou-a contra a pele até que o sangue aparecesse. Riscas pretas ornavam o metal, uma lembrança da última vez que apontara um lápis. Por alguma razão, aquilo centralizava sua atenção. No meio da escuridão parecia ver apenas a lâmina e as riscas de lápis.

Passou-se muito, muito tempo. Dias, semanas, talvez meses ou anos. Era impossível contar o tempo no meio daquela solidão sem tamanho, daquele mundo de escuridão eterna.

Um dia apareceu uma luz. No começo, era fraca, como se uma agulha tivesse furado a barreira das trevas, mas foi crescendo aos poucos. Daniel espantou-se. Depois de tanto tempo ali, não sabia o que esperar da novidade. Era algo ruim ou bom?

Com o tempo, o fecho de luz foi se tornando maior, preenchendo as trevas. Daniel levou as mãos aos olhos, que, desacostumados com a luminosidade, doíam. Mas ele observava os dedos, curioso.

Uma figura foi se formando no meio da luz, uma figura humana. Um homem, vestido de branco, se aproximava. Daniel espantou-se ao descobrir que a luz emanava dele, como se fosse um sol, e encolheu-se, com medo.

— Vá embora! — gritou, o rosto virado para baixo diante da luz insuportável.

A pessoa o tocou e de seus dedos pareciam sair faíscas de

energia.

— Não tenha medo, irmão.

— Não sou seu irmão. Não tenho irmãos! — chorou Daniel.

— Olhe para mim. — insistiu o ser de luz.

Daniel viu-se entre dois instintos. Por um lado, a curiosidade o impulsionava a olhar. Por outro lado, sentia medo. Com o tempo, foi dominando o pavor e abrindo lentamente os olhos enquanto virava o rosto.

No começo, não viu nada. A luz o cegava.

Com muito esforço, vislumbrou um rosto plácido no meio da luminosidade. Era um homem velho, de barba rala e um sorriso nos lábios finos. Daniel nunca o vira antes, mas pareceu reconhecê-lo.

— Levante-se. — disse o homem, estendendo-lhe as mãos.

Daniel hesitou por um instante. Depois acabou pegando na mão do homem e deixou-o ajuda-lo a se levantar.

— Quem... quem é você? — perguntou.

— Não se lembra de mim?

— Não. Nunca o vi antes, embora não seja de todo um estranho.

— Sempre estive ao seu lado.

— Que tipo de frase é essa? Como assim sempre estive ao meu lado? Mesmo aqui?

— Mesmo aqui. Sempre o visitei nas trevas, mas você era incapaz de me ver. Parece que tinha que passar por todo esse sofrimento antes de ser capaz de me ver e ouvir.

— Isto aqui é uma espécie de inferno?

— Não. Nada de inferno.

— Que local é esse, então? Quem é você?

— Se quiser, pode chamar isto aqui de inferno. Mas não há nenhum demônio. Não há nenhum demônio nas portas do inferno além daquele que você traz em seu coração.

— Você é uma espécie de anjo?

— Se quiser chamar assim... toda pessoa tem um protetor, que o acompanha desde o nascimento.

Daniel resmungou:

— Você não estava fazendo bem o seu trabalho, ao que me parece.

— Não posso ajuda-lo se você não sintoniza comigo. Na verdade, não posso nem mesmo me aproximar quando o manto negro o cobre...

Daniel olhou para si. A luminosidade que emanava do outro lhe permitia olhar pela primeira vez para si mesmo. Estava sujo de uma espécie de lama. O sangue ainda empapava seus pulsos.

— Eu me matei...

— Sim, eu sei. Tentei demovê-lo, mas não consegui.

— Minha vida não valia nada, era só tristeza. Ninguém chorou a minha morte.

— A morte de qualquer um é sentida. Todos fazem falta.

— Não eu. Ninguém, nem mesmo minha mãe, deve ter reparado que não estou mais vivo. Estou há quanto tempo aqui? Anos? Décadas? Os vivos nem mesmo devem se lembrar de mim...

O homem tocou em seu ombro e Daniel sentiu, aos poucos, a angústia se afastando.

— Acho que preciso lhe mostrar algo.

Daniel sentiu—se como se fosse envolvido por um redemoinho. Luz e sombra se misturavam rapidamente à sua volta e iam sendo substituídas por outro cenário. Teve dificuldade para reconhecer, mas percebeu que estava na cozinha de sua casa. Sua mãe estava ali, sentada à mesa, tirando sementes das passas. A imagem parecia desbotada, como uma fotografia velha, e seus gestos pareciam estranhos, quebrados, fracionados. Por mais que se esforçasse, Daniel não conseguia ouvir qualquer som. Mas parecia haver algum barulho, pois a mulher se levantou espantada e algumas passas caíram no chão.

Aconteceu algo estranho, então. As imagens se amontoaram como uma foto em dupla exposição. Em uma delas, apareciam a cozinha, a mesa e as passas. O tempo estava passando, pois as passas iam sendo cobertas pela poeira, e, finalmente, dominadas pela decomposição. Iam desaparecendo diante de seus olhos lentamente, mas muito mais rápido do que seria se a cena fosse real. “Por que ninguém interfere?”, pensava ele. “Por que ninguém tira dali as passas?”. Mas ninguém aparecia para tirá-las de lá. Haviam sido deixadas e esquecidas, como se fossem intocáveis ou fantasmas a denunciar a passagem dos anos.

Na outra imagem, sobreposta a essa, apareciam pessoas, como flashes. Em um deles, sua mãe, chorando sobre a mesa, desamparada. Essa imagem desapareceu e foi substituída por outra, parecida, mas agora eram sua mãe e seu pai. Ela soluçava e chorava e ele a agarrava contra o peito e tentava segurar as lágrimas, que insistiam em molhar seus olhos. A imagem foi trocada por outra, em que sua irmãzinha surgia em um grito mudo, de puro desespero. Ela jogava a mochila sobre o chão e os materiais escolares se espalhavam e se quebravam. Outra imagem, esse muito tempo depois. Sua mãe agora tinha cabelos brancos, mas seu olhar continuava o mesmo de antes: era um olhar triste, resignado, mas triste. O pai aparecia perto dela, como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros. A menina de antes agora era

uma jovem de cabelos negros e maquiagem pesada e negra. Na imagem, a garota grita com eles. Daniel sabe que estão brigando, embora não consiga ouvir as palavras. Com muita atenção, consegue decifrar nos lábios da moça uma única expressão: “Meu irmão”. Agora a imagem já é outra e a menina rosada de antes está pálida. Há inúmeras marcas em seus braços, que ela tenta esconder em vão com roupas compridas. Daniel não se espanta quando a vê em outro flash, aplicando algo em sua pele com uma seringa suja. Ela é sua irmã, mas está completamente diferente. Ela está morrendo e Daniel reza em silêncio, pedindo para algo interferir.

Ela está morrendo e sua imagem se mistura à da mesa com as passas se desfazendo, sendo varridas pelo tempo.

Agora outro flash, dessa vez é sua mãe. Ela tem muitos, muitos cabelos brancos e suas mãos tremem. Ela chora como antes, como no início da visão, mas agora o seu choro é sem forças. E Daniel compreende que sua irmã está morta.

A imagem sobrepõe à da mesa e agora já não há passas, ou natal. Só o tempo que tudo levou e fez desaparecer.

— Entende? — diz o homem, ao seu lado, e tudo é tomado pelas trevas.

De novo, a escuridão total e insuportável. Não conseguiria nunca mais viver no meio das trevas. Daniel grita, mas a voz fica entalada na garganta. No esforço, ele parece engasgar e o ar lhe falta. Como pode ansiar tanto por ar, já estando morto?

Então surge de novo a luz. Mas é uma luz diferente daquela, e há alguém sobre ela.

— Está bem, meu filho? Acordei com seu grito.

Daniel levantou-se, aturdido.

Não estava morto? Como podia sentir o ar entrando em seus pulmões? Olhou à volta e viu a mãe. Não acreditou. Abraçou-a, chorando e murmurando:

— Foi um pesadelo... foi apenas um pesadelo.

A boa senhora acariciou seus cabelos:

— Eu vi quando você chegou da escola e veio para o quarto. Imaginei que estivesse cansado e quisesse dormir. Já passou, querido, já passou. Agora se alegre. Hoje é noite de Natal!



A Christmas tree with warm white lights against a dark blue night sky with falling snow and a snowy landscape.

O HOMEM QUE QUERIA DESTRUIR O NATAL

Danny Marks

O HOMEM QUE QUERIA DESTRUIR O NATAL

Danny Marks

O mensageiro aproximou-se do homem que bebia a cerveja distraidamente e puxou-lhe a manga da camisa, estendendo o cartão. O homem nem olhou. Fez que não com a cabeça, a mão aberta recusando qualquer coisa.

O outro repetiu o movimento insistentemente. Pouco ultrapassava o ombro do homem sentado, que finalmente pegou o cartão sem ver quem o entregava e leu contrariado “Nelson, precisamos conversar. Nicolau”. O Homem virou-se para perguntar ao mensageiro o que era aquilo, mas este havia desaparecido.

Nelson rasgou o bilhete, pagou a conta e saiu do bar. Pouco depois, esperava o semáforo liberar a travessia, quando sentiu puxarem sua camisa novamente. Outro cartão lhe era oferecido pelo mensageiro.

“Nelson, precisa me ajudar. Nicolau”.

— Mas que... — parou ao ver que o mensageiro havia desaparecido novamente. Alguém daquele tamanho poderia se misturar facilmente à multidão, mas não com aquelas roupas. Nelson riu consigo mesmo, alguém estava querendo lhe pregar uma peça.

— Alguém deveria atender aos pedidos, para variar. — resmungou para si mesmo.

Odiava essa época do ano. Deixava-o de mau humor.

Jogou o papel na lixeira mais próxima. Não conhecia ne-

nhum Nicolau.

Ouviu um resfolegar ao seu lado e assustou-se. Um maluco havia resolvido se fantasiar de Papai Noel e sair com um trenó puxado a renas em plena cidade. Dois anões abriram as portas do trenó e colocaram uma escada enquanto o velho gordo sorria-lhe por entre a longa barba branca.

— Nelson, entre, não temos muito tempo.

Atordoado, não pensou no que fazia, simplesmente sentou-se ao lado do velho gordo, seguido pelos anões. As pessoas pareciam não dar importância ao espalhafatoso veículo, mas o que mais o assustou foi quando alçaram voo, liberando o trânsito.

Pouco depois, não sabia como, estava pousando em frente a uma modesta casinha encravada no alto de uma encosta rodeada de árvores. Anões brotaram de vários lugares e cuidaram do trenó e das renas.

Apesar de ambiente coberto de neve, e estar usando uma roupa leve, Nelson não sentia frio. Entrou na casa, comeu os biscoitos que lhe eram oferecidos por uma velha senhora e sentou-se em uma das cadeiras de encosto alto que cercavam a mesa de madeira. Sentia-se completamente à vontade no que lhe parecia ser um sonho.

— Noel, por que demorou tantos anos para aparecer? — não havia mal algum em ser grosseiro em um sonho alcoólico qualquer.

— É uma longa história, Nelson, mas vou ajudá-lo a realizar seu desejo, se você me ajudar com o meu.

A senhora e os duendes, que fingiam se ocupar com outras coisas, pararam como que atingidos por um sopro enregelante, mas logo voltaram a seus afazeres.

— Isso é ridículo. — riu Nelson, mas ao ver o rosto dos que o cercavam mudou de ideia — Estou morto e isso é a punição pelos

meus pecados contra o Natal?

— Não é nada disso, meu filho. Preciso de sua ajuda porque não há nada que eu possa fazer para mudar as coisas. Mas acredito que a solução possa estar em suas mãos.

— Está de brincadeira? Noel resolveu ME pedir ajuda? Escuta, velho, eu não sei o que está acontecendo com minha cabeça, mas é bom que saiba, se eu pudesse acabava com o Natal. Entende?

— Perfeitamente. E, se me ajudar, posso lhe dar esse poder.

— Se pode fazer algo assim, para que precisa de mim? Faça você mesmo.

— Você não entende. Só posso atender ou negar pedidos. É complicado. Nelson, ajude-me, por favor.

Nicolau deixou sua cabeça pender sobre a longa barba que encobria a parte superior da barriga. A senhora e os duendes vieram juntar-se a ele para fechar a cena trágica.

Nelson há muito não se comovia com o Natal, com as cenas ensaiadas e levadas a termo pela imensidão de farsantes no mundo todo. Parecia que sua consciência lhe dava justificativas que desmascaravam a farsa e as tornava insuportáveis.

— Quer saber, não sei para que precisa da minha ajuda, mas o que deveria fazer era contar a verdade para todos. Ora, que se dane, eu ajudo você e depois acabamos com o Natal.

Nicolau levantou o olhar brilhante para Nelson. Havia um largo sorriso no seu rosto.

— Eu sabia que você seria a solução...



Nelson não era o mesmo homem de dias atrás quando aceitara o seu encargo, mas, a menos que revelasse sua missão, nin-

guém notaria diferença. A apresentadora estava aterrorizada embaixo da sua bem construída máscara social. Não era para menos.

Há apenas alguns dias, ninguém sabia quem era aquele homem, até que começou a falar publicamente sobre a farsa que envolvia o Natal.

Convencera tabloides locais a darem voz ao seu discurso. A Verdade abria portas que muitos preferiam manter fechadas. Por outro lado, para os que queriam dar vazão ao seu ressentimento e sua frustração, o discurso de Nelson servia-lhes bem.

A notícia se tornara viral na internet, chamando atenção até nos lugares mais remotos do mundo. Em vários idiomas, ele discursara de forma contundente provocando reações diversas. Médicos tentaram diagnosticar algum distúrbio psicológico que Nelson pudesse apresentar, mas sem sucesso. Governos tentaram bloquear os seus vídeos, mas só aumentaram o interesse. Empresas tentaram se apropriar de seus discursos para lucrar mais, mas sofreram protestos do público. Grupos extremistas tentaram alicia-lo, mas tiveram suas ideologias desmascaradas.

A Verdade derrubava a todos, impiedosamente.

Qualquer um que tentasse aproveitar-se da situação via-se imediatamente compelido a falar a verdade sem restrição. Segredos íntimos, comprometedores, firmemente guardados, eram revelados pelos seus guardiões.

Casamentos foram perdidos, sociedades e pactos foram desfeitos, empresas faliram e carreiras foram destruídas, assassinos se entregaram às autoridades, governos caíram.

Em qualquer lugar, quem se posicionasse contra o Mensageiro sucumbia diante dos próprios pecados.

Em alguns dias, Nelson deixara o anonimato para se tornar a pessoa mais temida e mais comentada do mundo. Ninguém se atrevia a contradizê-lo ou apoiá-lo.

Nelson suportava o peso das verdades inconfessáveis sobre ombros magros. Quase não dormira ou se alimentara naqueles últimos dias, que pareciam séculos para ele. Cada vez falava menos e menos lhe perguntavam.

Faltavam apenas dois dias para a véspera de Natal e ele convocou uma coletiva de imprensa. Um imenso anfiteatro foi equipado com os mais sofisticados instrumentos de transmissão. Ele foi ocupado plenamente por repórteres de todos os lugares do mundo.

Independente de ideologias políticas e religiosas, as pessoas aguardavam as palavras do “homem que queria destruir o Natal”, como o chamavam.

Sentado em uma confortável poltrona diante da repórter que escolhera para fazer a sua última entrevista, e reproduzido no imenso telão para que todos pudessem ver cada mínimo detalhe de sua postura, Nelson exibia a mesma roupa simples que dias atrás usara, quando sua vida mudara para sempre.

Depois das desnecessárias apresentações, a repórter deu início à entrevista com perguntas feitas e selecionadas pelos repórteres presentes.

— A pergunta que mais se repete é “por que o senhor quer destruir o Natal?”.

— O Natal não existe mais, o que peço é que a farsa acabe. Assumam que estão interessados em ganhar dinheiro vendendo coisas inúteis por preços exorbitantes. Necessitam de uma boa desculpa para se drogarem, beberem e comerem além de qualquer limite? Podem fazê-lo, mas não tornem isso um exemplo a ser seguido. Nunca foi preciso de um dia específico para perdoar os que lhe ofenderam, amar os que se distanciaram, desejar o melhor para os que estão próximos. O que estão ensinando às suas crianças? Quais valores desejam que elas tenham quando forem cuidar de vocês?

— Mas o senhor é contra que haja um dia em que as pessoas tenham esperança de um futuro melhor?

— Alguma vez se perguntou por que a Esperança estava na Caixa de Pandora junto com os maiores males da humanidade? O futuro é feito hoje, nas relações que são construídas. A superficialidade torna raso o futuro que estão construindo para vocês mesmos.

— Então, o senhor acredita que não há verdadeiramente o espírito de Natal?

— Pelo contrário, sei que há, e muitos ainda o vivenciam. Mas a cada dia se rendem a restringir essa vivência a um único dia, como se houvessem perdido a batalha de salvar a humanidade. Nunca lhes foi pedido fazer mais que dar o melhor de si e receber o que lhes era ofertado com alegria. Presentear não é trocar valores, é doar dádivas, e isso deve ser feito diariamente.

— Não compreendo. O senhor diz que devemos todos parar de comemorar o Natal, mas ao mesmo tempo diz que melhor seria se as pessoas vivenciassem o Natal durante o ano todo? Não é contraditório?

— Contraditório é promover guerras em nome da Paz, promover a intolerância religiosa em nome de Deus, promover a discriminação em nome da aceitação das diferenças. Contraditório é ignorar uma pessoa durante o ano inteiro e, no dia do seu aniversário, fazer uma grande festa. Contraditório é dizer que o espírito de Natal só vive por um dia e nada mais. Querem comemorar? Então o façam pelos motivos certos. O Espírito de Natal não se importa de morrer pelo que acredita, mas não o usem como desculpa para seus interesses pessoais. Querem um bom presente de Natal? Ofereçam a verdade dos seus sentimentos, o valor dos seus atos, embrulhados nos laços do seu relacionamento. Ou simplesmente deixem essa bobagem de lado.

— O senhor pode nos dizer por que só agora decidiu apresentar para o mundo suas ideias sobre o Natal e como ele deveria

ser conduzido? O que pretende conseguir com tudo isso? Mudar a humanidade?

Nelson ficou parado, mudo diante dos repórteres. Enquanto todos aguardavam sua resposta, ele desvaneceu-se lentamente até desaparecer para nunca mais ser visto.



— Estava errado. Achei que poderia fazer a diferença, deixei que minha revolta me guiasse e acabei me defrontando com a minha verdade. Como fui tolo.

Nicolau deixou que Nelson desabafasse antes de lhe passar uma xícara de chocolate quente e servir-se de outra. Estavam sentados de frente para a janela, olhando os flocos de neve caindo suavemente.

— Não se sinta assim, Nelson. Já reparou que não existem dois flocos de neve iguais, embora todos provenham da mesma fonte? Estou satisfeito com o seu trabalho. Obrigado.

— Queria que as coisas tivessem mudado. Não podia suportar o que estão fazendo com o Natal. Mas uma única pessoa não vai mudar tudo, não é?

Nicolau sorriu, havia retornado ao seu antigo vigor nos últimos dias. E, naquela casa, todos creditavam o fato a Nelson, eram-lhe gratos por isso.

— Não, meu querido amigo, as coisas não são tão simples assim. Mas uma pessoa pode fazer toda a diferença quando aponta um caminho a seguir. Você fez com que as pessoas parassem para refletir, ouvissem os seus corações e se confrontassem com a verdade que há neles. Isso terá que servir por enquanto. Dê-lhes tempo, acredite neles.

— Eles não acreditam em você.

— Mas eu sempre vou continuar acreditando neles, e em

você, Nelson.

— Nunca mais vou poder voltar à minha vida anterior.

— É verdade. Quando se entra em contato com o verdadeiro Espírito do Natal, ele nunca mais nos abandona. Sua vida anterior pertencia a outra pessoa que não é mais você, mas posso dar um jeito nas coisas. O que deseja de presente de Natal? Peça qualquer coisa.

— Bem, estive pensando por todos esses dias...

— Diga, meu filho, o que mais deseja?

— Você tem lugar para mais um ajudante na sua fábrica?

Nicolau riu alto, como há muito tempo não fazia, e sua alegria contagiou os que vivem todos os dias o Espírito de Natal.

E isso era tudo o que precisava ser feito.



A vertical photograph of a Christmas tree in a snowy landscape at night. The tree on the left is lit with warm white lights. The background shows a snow-covered hill and a dark sky with falling snow. The text 'AS MOIRAS' and 'Ben Green' is overlaid in the upper right.

AS MOIRAS

Ben Green

AS MOIRAS

Ben Green

A chuva forte fustigava o vidro do carro. Em seu interior, Ulisses praguejava. Não pela chuva, claro. Adorava quando o céu decidia limpar a terra e impedia que seu bolso fosse lavado. Quando chovia, a família ficava em casa. Nada de cinemas, nada de lanchonetes *fastfood* ou fortunas de combustível e estacionamento. Baixavam um filme pirata pela internet e comiam pipoca de micro-ondas. Daquelas bem baratas que não estouravam nem metade do saco.

O grande motivo de seu mau humor eram as malditas compras de natal. Essa praga anual não respeitava chuva, frio, pobreza. Em alguns países, nem mesmo a neve! Bastava colocarem aqueles ridículos gordos de vermelho nas vitrines e lá estavam as pessoas gastando seus dinheiros.

— Não vai colocar o carro no estacionamento?

Ulisses olhou para a esposa. Ela só podia estar brincando! Nunca faria uma coisa dessas e ela sabia disso.

— Ficou louca? O estacionamento desse *shopping* custa meu almoço!

— Querido, está chovendo! — ela insistia.

— Nem estamos parados tão longe da entrada. Corre que nem se molha muito. Além do mais, as toalhas de papel do banheiro são de graça!

Contrariados, sua esposa e o único filho do casal — por mais que Tânia insistisse, não parava de pensar nos gastos de um se-

gundo filho — saíram do carro e correram debaixo do aguaceiro.

Encostou-se na poltrona. Temia imaginar o quanto gastariam naquele maldito templo do deus do comércio. Eles viviam querendo as coisas. Casa nova, viagem para a *Disney*, museu do Louvre, carro com ar condicionado. Nada barato. As pessoas não faziam ideia do quanto se há que suar para conseguir uns trocados. Ao menos dessa vez daria a bicicleta que o filho tanto o enchera a paciência desde dois anos atrás. Havia falsificado uma declaração de pobreza e a doação estava a caminho. Estava orgulhoso de si — da grande ideia econômica que tivera.

Olhou pelo retrovisor preso com fita isolante. Uma jovem muito bonita sorriu para ele. Quanto tempo não recebia um sorriso daquele? Pensou em sorrir de volta e então se lembrou de que a imagem nítida só poderia ser de alguém que estivesse no carro. Virou-se assustado e havia não somente uma pessoa no banco de trás. Ao lado da moça, havia uma criança. Uma menina de no máximo dez anos de idade.

— Olá, Ulisses! — a voz era de uma velha muito idosa. Mas não vinha de nenhuma delas. Assustou-se ao perceber que no banco da frente, bem ao seu lado, a senhora mais enrugada que já vira imitava a mais nova e sorria sem dentes.

— O que... o que... quem são vocês?

— Somos as Moiras! — a frase foi dita através de um grito infantil de extrema alegria.

— Que raios é isso? — irritava-se.

A voz sombria e cansada ressoou mais uma vez indicando Ulisses a olhar pelo espelho retrovisor. Um carro-forte, daqueles bem grandes, deslizava em câmera lenta na sua direção. E não era somente o caminhão, mas todas as pessoas na rua agiam como se comandadas por um controle remoto.

— Somos as fiandeiras. Todo mundo tem um fio de vida,

Ulisses! — A mais velha abriu uma bolsa de crochê fora de moda e retirou uma linha grossa e uma tesoura. — E a sua... — Com os dedos murchos, acionou a tesoura, afastou as lâminas, levou para o fio e estava prestes a cortar.

— Ei, ei, ei! Espera! Eu vou morrer?

— Adeus, Ulisses! — a voz macia e sensual da jovem chegava aos seus ouvidos.

— NÃO! NÃO! Por favor, não! — desesperou-se. — Eu não posso morrer!

— Por que não? — a criancinha pulava no banco e sua voz parecia subir e descer acompanhando os movimentos.

— Eu não estou em dia com meu seguro de vida!

— Que sorte a da seguradora! — a velha debochou, riu e tossiu.

— Não, não é isso! Tenho uma família! Uma esposa que passa mal se trabalhar. E um filho! Eles precisam de mim. — olhou pelo retrovisor novamente. Apesar da câmera lenta, o caminhão já estava bem mais próximo. — Por favor! Me dá uma chance!

— Por quê? — a voz infantil o irritou. “Por quê?”, “por quê?”. Já não tinha dado motivos suficientes?

“Eu não acredito que, enquanto um caminhão vem na minha direção, estou dando satisfações a uma criança” — pensou, e quase imediatamente a velha senhora retrucou:

— É exatamente por causa do caminhão que você tem que fazer isso. — além de tudo, elas liam pensamentos também!

— Sua vida está por um fio.

Moça e criança riram satisfeitas imaginando um impacto muito forte para a piada de humor negro. Ulisses apoiou as duas mãos no volante e tentou não olhar pelo retrovisor.

— Está bem. — foi mais brando. Ia dizer. Mas o que ia dizer? Qual era a pergunta mesmo? Além de um “por que”, claro. Ah! A chance. Mas era uma criança. Como se explica o inexplicável para uma criança? — Eu não brinquei muito, sabe? Tive que trabalhar na feira para ajudar em casa. Trabalhava sempre em horário extra para tentar comprar algum doce. Nunca consegui juntar dinheiro para um brinquedo. Quero brincar muitos anos com meu filho do jeito que meu pai nunca fez.

— Que triste. — a voz sensual da moça voltou a encher o carro.

— É por isso que não dá nada para seu filho? — a velha sempre vinha com as piores perguntas.

— Ele precisa aprender o valor do dinheiro! — explodiu. — As coisas não vêm com facilidade.

— E como pensa em brincar com ele se não tira o dinheiro da cabeça? Se cada vez que ele suja uma roupa, você já pensa em quanto custará para limpar?

De certa forma, a idosa desdentada tinha razão. Olhou para o fio vermelho nas mãos da fiandeira. A tesoura ainda estava aberta e pronta para acabar com tudo de uma vez.

— Vocês estão certas. Vou ser um pai mais preocupado com sorrisos do que com dinheiro. — reconheceu com sinceridade. — Agora pode tirar essa tesoura daí?

— Não falta mais nada? — a moça falou da mesma forma que sua mulher fazia quando queria algo e se recusava a dizer com todas as letras. Ele odiava isso. Como odiava.

— O quê? Já não disse que serei um pai melhor? — gritou enquanto batia com força a palma da mão no volante. Sem querer, seus olhos observaram que o caminhão estava já muito, muito próximo. A temida tesoura fechou um pouco mais. — Não, não, não. Está bem. Deve faltar. Mas não sei o quê! Me ajudem!

— Você está perdendo o fio da meada! — mais uma vez, moça e criança se entregaram às gargalhadas. Aquele humor negro já estava enchendo a paciência.

— Minha mulher! — isso, era isso! — Vou aproveitar mais cada momento com ela! —. A jovem apenas gemeu dando claro indício que ainda não estava satisfeita. — Vamos sair. É. Para lugares românticos. Isso. A viagem! Claro, a lua de mel! Vamos para Paris e andaremos de barco no rio Sena! —. Ela limpou a garganta. Havia mais a ser dito. Ele precisava pensar antes de continuar: — Vamos ficar em um hotel bem bonito. Com cisnes no lago!

— Ai que lindo! — a moça se jogou na poltrona, batendo palminhas e exibindo um largo sorriso de alegria.

— Pode guardar esse barbante agora? — havia uma falsa segurança em sua voz e, para seu desespero, ao invés das lâminas se afastarem, fecharam-se ainda mais e ele pôde ver que um pedacinho da linha foi danificado. Tomara que aquilo não representasse um câncer, um enfarto ou uma paralisia!

O que mais ela queria? Já tinha dito sua infância, sobre seu filho, sua vida conjugal. O que mais faltava? A criança, a moça. A velha! Sim, tinha que agradecer a velha. Mas ela não dizia nada. Não perguntava nada. Apenas o olhava com olhos traiçoeiros. As Moiras. Nunca tinha ouvido falar. Ou já? Quem eram elas exatamente? Olhou pelo retrovisor central.

Moça e criança estavam felizes. Batiam as palmas das mãos em alguma brincadeira infantil típica de meninas. Não sabia que brincadeira era aquela. Só tinha visto quando criança. Seu filho era homem e não participava daquele tipo de diversão. A tesoura se fechou ainda mais. Se antes era um enfarto, agora virou um derrame! Já devia ter cortado metade do diâmetro do fio. E lá vinha o carro-forte, agora já próximo o suficiente para esconder a rua.

— Um filho! Um filho, uma filha! Uma casa maior com quarto para todo mundo. É! — Sorriu. Riu. Gargalhou. Como

um maluco. Toda a sua vida, passada, presente e futura, estava sendo colocada à prova. As duas primeiras fases poderiam não ter sido as melhores, mas o futuro. Esse estava nas mãos dele. Ou da velha. — Tudo que for possível para uma vida confortável para a minha família!

A boca banguela se abriu no que poderia ser um sorriso. Mas o último movimento das mãos enrugadas e trêmulas foi terminar de fechar as lâminas. Ulisses arregalou os olhos vendo as duas pontas vermelhas se levantarem. Praticamente ao mesmo tempo, o carro sacudiu e os vidros partiram. O carro-forte amassava tudo por onde passava, não poupando nem mesmo o arrependido motorista.

Uma luz branca cegou seus olhos. Apertou-os algumas vezes. Piscou e abriu. Quatro pessoas de branco pareciam se debruçar sobre ele. Estava morto, afinal. Quem seriam esses agora? Depois das Moiras, só poderiam ser os quatro cavaleiros do apocalipse! Um deles levantou a mão e exibiu uma lanterna diante do seu olho direito.

— Ele está reagindo.

Mas o que era aquilo? Um hospital? Ergueu o tronco com um pouco de dificuldade. Observou a sala. Os equipamentos médicos e os crachás do quarteto. Sim. Aquilo era um hospital. Então não estava morto, afinal.

— Consegui sobreviver ao caminhão?

— Que caminhão? — o mais novo perguntou.

— O carro-forte que bateu no meu carro.

— Não tinha caminhão algum, senhor Ulisses. — a voz mais madura e mais segura de outro homem se fez ouvir logo após uma rápida consulta na ficha. — O senhor dormiu dentro do carro e foi intoxicado por monóxido de carbono. Ficou em coma alguns dias.

Ulisses passou a mão na cabeça. Estava confuso. O caminho, as Moiras, o fio. Tudo não passou de um sonho? Daqueles que têm as pessoas em coma? Poderia ao menos ter sonhado com anjos, e não aquele pesadelo com aquelas três.

— Sua família está aí. Vou deixar que entrem. — falou mais outro deles. Esse se mantinha distante de toda a operação. Devia ser algum tipo de supervisor; provavelmente alguém mais velho.

Girou a cabeça para olhar o quarto e viu que, na verdade, era ele o mais novo de todos. Praticamente um bebê. Com espinhas e tudo. Devia ser algum tipo de residente ou estagiário. O começo da vida adulta. Quando se tem a chance de traçar seus caminhos futuros.

Os gritos da família o tiraram do devaneio. Antes que pudesse se virar de novo, foi abraçado e beijado por esposa e filho. Eles choravam, sorriam e experimentavam um carnaval de sentimentos.

— O Natal já passou? — conseguiu finalmente perguntar.

— É hoje, meu amor! E ganhamos esse belo presente. Você está bem!

— Então vamos comprar presentes! — apesar da sua animação, os dois se entreolharam espantados.

— Querido, a sua internação foi cara. Muito cara. Queríamos que recebesse tudo do melhor para ficar bom de novo! — o olhar dela implorava por algum tipo de perdão.

— Tenho umas economias guardadas. — contestou confiante.

— Foram essas que usamos. — havia um tom de medo em sua voz. — Eu sabia onde estava. Às vezes, até pegava um pouco. Me desculpa! — a fala saiu embargada pelo choro e as lágrimas desceram. — Não se zangue, por favor!

— E o que sobrou? Não dá para comprar nada?

— Só se for sorvete. — a esposa riu da própria piada, tentando sentir menos culpa.

— Então vamos tomar sorvete! — abriu os braços, satisfeito. — E vamos desfrutar a vida. Aqui! Em Paris, Miami, qualquer lugar! O importante é estar com vocês e todos sermos felizes e com saúde!

Toda a família, então, se abraçou e deixaram as lágrimas descerem à vontade. Percebendo a necessidade da privacidade, a equipe médica se retirou, deixando-os sozinhos. Ou quase sozinhos.

Ulisses abriu os olhos, ainda embaçados pelas lágrimas. Bem à sua frente estavam três vultos. Piscou várias vezes para limpar a visão e lá estavam elas. A criança, a moça e a velha. Mas não estavam sérias dessa vez. Sorriam. As três. A criança levantou uma das mãos e acenou em despedida. A jovem colocou uma das mãos nos lábios sensuais e atirou um beijo no ar. Já a velha retirou um fio vermelho da bolsa e mostrou um grande nó emendando duas pontas.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa, elas desapareceram.



A vertical Christmas tree on the left side of the page, illuminated with warm white lights. The background is a dark, snowy night scene with falling snowflakes and a soft glow from the tree. The title and author's name are centered in the upper right quadrant.

O NATAL DOS GÊMEOS

Priscila Boltão

O NATAL DOS GÊMEOS

Priscila Boltão

Brian Wilcox sempre foi uma criança difícil. Dizia-se, em Little Oak, que desde o nascimento notava-se a diferença entre ele e a irmã Brianna. A lenda era que, durante o nascimento dos gêmeos herdeiros da maior fortuna da cidade, a garota foi socorrida às pressas porque não chorava, e a parteira pensou que ela não respirava. Brian, por sua vez, foi socorrido às pressas porque chorava como se estivesse com um osso quebrado.

Ao longo dos anos, a diferença dos gêmeos só se acentuava. Mas ninguém lhes prestava muita atenção. Dizia-se apenas que a agressividade de Brian era como a dos outros meninos e a passividade de Brianna era a virtude de uma dama. Mesmo quando os pais descobriram os passarinhos mortos no bosque e sabiam que havia sido Brian. Mesmo quando os hematomas na pele de Brianna eram notáveis.

O inferno só se tornava impossível de ignorar na época de natal. Começava no dia primeiro de dezembro, quando as crianças ganhavam uma pequena alegoria com vinte e quatro janelas, cada uma a ser aberta em um dia da contagem regressiva até a véspera do feriado. Brian ia ficando cada dia mais desapontado e mais irritado com o tamanho dos pequenos presentes. E, antes de chegar a vinte dias do grande dia, ele já tinha destruído sua alegoria e a da irmã, pegando todos os presentes para si. Brianna não se opunha. Ela nunca se opunha a nada.

Então veio o sétimo natal. O ano tinha transcorrido de forma ligeiramente mais tranquila depois que os pais dos gêmeos

contrataram uma nova babá. Ela havia sido escrava no sul dos Estados Unidos, então não se impressionava com uma criança mimada, por mais cruel que fosse. E, principalmente, era uma boa companhia para Brianna. Até então a garotinha nunca havia tido outra companhia além dos pais e do irmão. Ao longo dos meses até seus hematomas foram diminuindo, embora não sumissem completamente.

Dez dias antes do natal, quando Brian já havia destruído as alegorias — ganhando um olhar reprovador da babá —, os pais perguntaram às crianças se não iam escrever cartas ao Papai Noel. Antes de aprenderem a escrever, os pais escreviam as cartas para saber o que as crianças queriam, mas, agora, eles diziam que os dois já podiam escrever por si mesmos.

Brian estava na sala de brinquedos, esticando o gato da família enquanto este se debatia, quando a mãe passou.

— Brian, querido — ela disse, sem prestar muita atenção —, garotos malvados não ganham presentes. Só carvão. Quer que o Papai Noel lhe dê um pedaço de carvão?

Brian deu de ombros. Todo ano os pais faziam a mesma ameaça. Mas, todo ano, lá estavam seus presentes vistosos e enormes sob a árvore. Ele acariciou o gato, como se estivesse arrependido, até que a mãe saísse. Antes de sair, porém, ela chegou perto de Brianna, que confabulava com a babá na escrivainha a um canto.

— O que está fazendo, querida?

Brianna não respondeu. Ela quase não falava estes dias, e os pais assumiam que estava chateada com o irmão. Quando ela ficou em silêncio, a babá respondeu.

— Ela está escrevendo para o papai Noel.

A mãe saiu satisfeita, pensando que Brianna melhoraria de humor após ganhar a boneca ou a casa de bonecas ou o vestido ou

o que quer que fosse. Brianna, no entanto, parecia ter recomeçado a carta no outro dia. A babá disse à mãe que a garota tinha se irritado com os próprios erros de ortografia e começado de novo.

Depois que a mãe saiu do recinto, porém, Brian se aproximou.

— Por que você mentiu? — ele disse em tom acusatório. — Ela não jogou a carta fora. Eu vi ela terminar e você esconder a carta no avental.

A babá olhou nos olhos azuis e cruéis do garoto a sua frente e gaguejou por um minuto. Então olhou para Brianna.

— Tudo bem, Bá. — a garotinha disse, naquele tom modesto, quase um sussurro, que sempre usava. — Logo ele vai saber mesmo.

A babá abriu um sorriso. Brian deu um passo para trás, pego de surpresa. Ele conhecia aquele sorriso. Não era um sorriso comum — era um sorriso maldoso, que ele mesmo sempre costumava dar quando matava animaizinhos ou batia na irmã quando ninguém estava olhando.

— Bem, você sabe. — ela disse. — Eu e sua irmã estamos contando ao papai Noel que você tem sido um garoto malvado. E que merece apenas carvão neste natal.

— Papai Noel não existe. — Brian falou, embora não se sentisse muito seguro diante da confiança da babá. Ele lançou um olhar às costas da irmã, que ainda escrevia, antes de continuar: — Eu sei que são meus pais que dão os presentes, e eles me dão o que eu quero não importa o que eu faça.

— Bem, você está enganado. — a babá falou, dando de ombros. — Ele existe e eu sei como entregar uma carta a ele. Aprendi muitas coisas com minha avó, que era feiticeira em uma tribo africana antes de ser escravizada pelos americanos. Aprendi a contatar criaturas místicas, desde um dybbuk judeu até o seu Pa-

pai Noel cristão. E posso entregar a carta da sua irmã a ele se eu quiser.

— Você é doida. — Brian disse, e percebeu, com raiva, que a voz tremia tanto quanto os joelhos, por mais que ele quisesse disfarçar. — Eu vou ganhar o que eu quero nesse natal. Eu sempre ganho o que quero.

A babá abriu a boca, mas foi Brianna que falou, sem se virar.

— Eu não apostaria nisso se fosse você.

Brian não dormiu nos dias seguintes. Cada vez que cochilava, tinha sonhos em que era enterrado em carvão. Acordado, a todo o momento pegava a babá lhe sorrindo, ou a irmã, séria, o encarando. Nunca tinha lhe ocorrido que Brianna tivesse algum rancor. Ela era para ele um brinquedo, uma boneca que podia quebrar e remontar. Nunca havia pensado que ela poderia tentar arruinar seu feriado favorito.

Na véspera do natal, porém, ele tentou se acalmar. E daí que a babá ia fazer alguma feitiçaria para que ganhasse carvão? Certamente seus pais não tomavam parte nisso. Ele ainda ganharia presentes. E, se não ganhasse, faria um escândalo. Sempre funcionava. E depois, faria com que aquela mulher fosse demitida. E pensaria em algo para fazer com a irmã.

Então, quando ouviu o barulho, estava começando a dormir. Mas não se surpreendeu. Meio que estava esperando que a irmã ou a babá fizessem algo para tentar assustá-lo. Brian se levantou, enrolando um cobertor por cima do pijama, e seguiu o som das batidas, descendo silenciosamente as escadas e pronto para gritar com alguém.

Primeiro, ele viu a árvore no canto, os presentes enormes embrulhados embaixo, e sorriu. Então quase rolou escada abaixo quando pisou em algo duro em seu caminho.

Um pedaço de carvão.

Seu coração acelerou. Era coisa de Brianna, claro, mas teria sido mais impressionante se ela tivesse tirado seus presentes de sob a árvore, e se não tivesse feito o que parecia uma trilha de pedaços de carvão.

Então ao dar a última volta na escada, Brian notou que algo bloqueava uma luz que vinha da lareira que os pais certamente teriam apagado.

Um homem gordo e vestido de vermelho.

Ele se virou quando Brian soltou uma exclamação de surpresa, e parecia ter estado ocupado em acender a lareira que dava para a chaminé — de onde, Brian agora tinha súbita certeza, ele tinha vindo.

— Brian, não é? — o homem abriu um grande sorriso bondoso atrás da barba branca. — Muito prazer, chegue mais perto. Eu sou...

— Não! — Brian disse, assustado, o coração se apertando no peito. — Você não é real.

Mas se ele era real...

— Ora. — Papai Noel pareceu contrariado, apoiando um joelho no chão para se aproximar da altura do garoto. — Você não é meio novo para não acreditar em mim?

Brian não conseguia respirar. Ele ponderou por alguns instantes antes de decidir ser o mais direto possível.

— O senhor... veio trocar meus presentes por carvão?

— Por deus, não! — Papai Noel riu. — Eu raramente dou carvão. Ah! — ele disse, parecendo entender. — Não, esses pedaços de carvão no seu caminho devem ser coisa da sua irmã.

Brian riu, aliviado. Seu corpo relaxou e ele começou a se sentir excitado por estar na presença do próprio Papai Noel. Então

o velho se sentou na poltrona do seu pai e coçou a barba, sério.

— Agora... eu tenho um problema. Veja você. — ele disse, calmamente, fazendo o coração de Brian acelerar em alerta novamente. — Sua doce irmã Brianna me mandou uma carta. Hoje em dia eu já quase não recebo cartas, pois poucos conseguem ter mágica suficiente para me encontrar, mas, quando as recebo, preciso entregar o que me pedem.

Ele ficou em silêncio e Brian fez a pergunta.

— O que Brianna pediu?

Papai Noel estalou os dedos e um elfo apareceu. Ele era verde, da altura de Brian, com orelhas pontudas, e usava uma ridícula roupa verde com sininhos. Ele entregou ao Papai Noel um pedaço de papel.

— Querido papai Noel, — leu o velho no papel. — não quero lhe pedir brincquedos. Só quero é que acabe com meu irmãozinho, Brian. Ele é malvado e cruel, mata meus bichinhos de estimação e me bate quando ninguém vê. Meus pais não acreditam em mim, ou não se importam. A minha Bá disse que você entrega carvão aos meninos malvados. Mas não é o bastante. Não quero mais nada, Papai Noel, só quero que me livre do Brian.

Ele terminou a leitura e olhou para Brian, com um olhar de interrogação. O garoto começou a ofegar.

— Por favor. Por favor. — ele não sabia o que dizer. Tentou sorrir. — Eu sei, eu não fui bom para ela. Vou ser a partir de agora. Nunca mais encosto naquele gato dela. Nunca mais puxo o cabelo dela. Juro! Nunca mais machuco Brianna.

— Não, não. — o papai Noel disse em um tom suave e bondoso que não condizia com a situação. — Veja, eu tenho que entregar exatamente o que me pedem. Não foi isso que ela pediu, que você não a machucasse. Ela pediu que a livrasse de você.

— Mas você é o Papai Noel! — o garotinho disse, mais assus-

tado do que já se sentira. — Você não pode me matar!

— Matar! Por Deus. — o velho riu. — Claro que não vou matá-lo!

— Então... — Brian resmungou, sem entender o que ia lhe acontecer.

— Você vai trabalhar para mim. — o tom do Papai Noel era bem menos bondoso agora. — Não se preocupe, não é nada de mais. Você vai ajudar na fábrica de brinquedos. Vou levá-lo agora.

Ele estalou os dedos novamente e outro elfo apareceu, segurando aberto um grande saco vermelho.

Esse elfo também tinha a altura de Brian.

— Não... eu não...

— Oh, por favor. — o Papai Noel disse, agora soando mal-doso, interrompendo Brian, que tremia. — Você vem por bem ou vou obrigá-lo. Você acha que é uma situação incomum? De onde acha que eu arranjei elfos suficientes para fabricar presentes para crianças do mundo todo? A maioria deles recebeu o carvão como um aviso, mas no seu caso não achei necessário. Não quando sua irmã me pediu de modo tão direto.

Brian tentou correr, mas se sentia congelado no lugar. Os elfos olhavam para ele com pena.

— Agora, vamos. — o Papai Noel estava impaciente. — Se despeça da sua irmã e vamos.

Brian olhou em volta e viu Brianna, alguns degraus da escada acima, com a babá. Ele quis pedir ajuda, mas a língua parecia grudada no céu da boca.

Então ele viu que Brianna sorria. Nunca em suas curtas vidas, ele tinha visto a irmã sorrir. Ele não permitiria, vê-la sofrer lhe dava satisfação. E agora, ali estava ela, olhando para ele com

um sorriso enorme que parecia querer compensar todos os sorrisos não dados. Ela acenou.

— Tchau, Brian. — a garotinha disse, o tom de voz mais alto e alegre do que era antes.

Papai Noel pegou o garoto pelo tornozelo, jogando-o, sem poder se mexer, na escuridão do saco. O velho ainda parou para sorrir e desejar um Feliz Natal a Brianna — que sabia que agora todos os natais seriam mais felizes — e à babá, antes de sumir com os dois elfos verdes e o garoto que em breve seria como eles.

Nunca mais se ouviu falar de Brian Wilcox.



A vertical Christmas tree on the left side of the frame, illuminated with warm white lights. The background is a dark blue night sky with falling snow and several white stars. The overall mood is serene and festive.

SE ACREDITARES!

João Manuel da Silva Rogaciano

SE ACREDITARES!

João Manuel da Silva Rogaciano

Dia 24 de Dezembro. Véspera de Natal.

Na grande cidade, a multidão avançava descontrolada. Enlouquecida. Todos tinham algo a fazer, algo a comprar, algo a preparar. A noite de Natal era dali a poucas horas e tudo teria de estar perfeito. O consumismo desta época natalícia assim o exigia.

Por entre a multidão apressada, um rapazito vagueava lentamente, de olhos postos no chão. Abatido. Só. Na grande cidade.

De cabelo castanho-claro cortado rente, olhos negros, a sua idade não ocuparia todos os dedos das suas duas mãos. Vestia uma roupa bastante surrada. Arrastava, na calçada, um par de esburacados tênis.

Vagueou ao longo de todo o dia. Ninguém o interpelou. Ninguém lhe perguntou como estava a saúde da mãe — internada nos cuidados intensivos do hospital distrital, em estado terminal. A ninguém interessou que o pequeno não tivesse pai e que não tivesse quem o acolhesse. Nenhum dos transeuntes parou, por um pouco, para interpelar e ajudar o garoto.

Anoiteceu. A multidão, que ao longo do dia enchera as ruas e os estabelecimentos, num consumismo desenfreado, dispersara para junto dos seus. O cansaço e a fome apoderaram-se lentamente do garoto. Desejou estar de novo com a sua mãe, na diminuta casa onde ambos tinham habitado até a mãe ter adoecido. Depois, o senhorio — um monstro em forma humana — despejara-o. Fora internado num lar, onde era maltratado, e fugira. Agora,

na rua, o miúdo recordava os natais passados com a mãe, junto a uma pequena, mas bonita, árvore de Natal. A árvore enfeitada com anjos e o presépio, com o menino Jesus. O Jesus que nascera em Belém, o Jesus das histórias bíblicas que lhe contaram. O Jesus que fazia milagres. Uma lágrima rolou, teimosa, pelo seu rosto. Ah! Se Jesus estivesse ali...

Desanimado, deixou-se escorregar para o frio pavimento. Apático. Destroçado. Mesmo no centro da cidade.

Um carro de luxo parou junto do local onde estava o rapaz. Dele, saiu um conhecido dirigente de uma gigantesca organização religiosa com muitos seguidores. Dirigiu-se à loja de finos vinhos franceses. Para lá chegar, tinha de passar mesmo junto ao pequeno. O miúdo viu aquele homem sair do luxuoso carro e dirigir-se para si. No seu peito, o coração bateu mais depressa e a cor voltou ao seu rosto. Ficou esperançado de que aquele homem o fosse recolher.

Ao passar junto dele, o guru religioso decidiu ignorar o miúdo. Afinal, pensou, aquelas compras tinham prioridade... nessa noite especial, tinha toda a sua família reunida e não poderiam faltar as finas bebidas francesas.

— Se Jesus estivesse aqui... — pensou o garoto, desanimado.

As poucas lojas que estavam abertas iam fechando gradualmente. Todos se preparavam para passar a noite de consoada com os seus. Todos menos o triste e abandonado garoto.

Soaram passos apressados. A criança levantou a cabeça. Uma mulher, finamente vestida, caminhava em sua direção. Quando conseguiu ver bem o seu rosto, reconheceu-a dos cartazes que estavam espalhados por toda a cidade. Era uma famosa dirigente política, que defendia a ideologia da família e dos filhos como pedras basilares da sociedade. O miúdo ficou esperançado de que a mulher corresse para si. Mas ela passou pelo garoto sem se deter. O seu amante, um argentino com metade da sua idade,

aguardava-a para uma *noche caliente de la Navidad*¹.

— Se Jesus estivesse aqui... — pensou o garoto, enquanto a mulher se afastava.

As lágrimas começaram a correr pelo seu rosto.

— Ricardo! — uma voz, por trás de si, chamara-o pelo seu nome.

Levantou os olhos. Um homem estava junto de si. Teve medo. A mãe sempre o alertara para não falar com estranhos. Recuou, bruscamente.

— Ricardo! — o homem sorriu e estendeu-lhe a mão. A voz era calma e tinha um tom simples, verdadeiro.

Um candeeiro próximo iluminou o rosto do homem. A essa luz, o pequeno viu que o desconhecido aparentava uns trinta e poucos anos. Um olhar bondoso emanava do seu ser. Seria um anjo? O miúdo examinou a mão que o homem lhe estendia. Uma mão calejada e pejada de cicatrizes. Novo arrepio percorreu Ricardo. Quem seria aquele homem? Por que tantas cicatrizes na sua mão? Como sabia o seu nome? Não podia ser um anjo. Um anjo tinha asas e não cicatrizes nas mãos. Seria um demônio?

— Quem é o senhor? — perguntou, cheio de medo.

— Um amigo da tua família! Conheço-te desde sempre. Sei que a tua mãe está internada. Queres ir comigo visitá-la?

Ricardo não queria ir com o estranho. E se fosse um demônio, ou um monstro, ou um violador?

— Vê como estou vestido? — argumentou o garoto, mostrando o mau estado da sua roupa ao homem, enquanto recuava, estrategicamente. — Não vão me deixar entrar neste estado.

— Tens razão! — concordou o homem. — Vamos até ali ao centro comercial.

¹ Noite quente de Natal

— Mas as lojas já fecharam. É véspera de natal!

— Ricardo, confia em mim.

Caminharam até à loja. Tal como o homem dissera, estava aberta. Foram atendidos por um homem novo. O empregado entregou-lhe algumas peças de roupa para experimentar. Eram magníficas e assentavam-lhe lindamente. Ao se despedirem do empregado, Ricardo reparou que faltava um manequim masculino na montra. Após saírem da loja, percorreram alguns metros e Ricardo olhou para trás e observou a montra. O manequim estava lá, iluminado pelos projetores. E parecia-se muito com o empregado que os atendera. A loja tinha a porta fechada. O garoto estava intrigado e assustado. Parecia que vivia um pesadelo, uma noite das bruxas, do *halloween*.

Tinha de fugir dali.

— Vamos ver a tua mãe? Se quiseres, claro!

Ricardo queria muito ver a mãe, mas o hospital era longe e o percurso a pé demoraria horas. A solução seria ir de transporte público ou de carro. Mas, os transportes públicos rareavam àquela hora e Ricardo nunca entraria num carro com aquele estranho homem.

— Quero ver a minha mãe, mas...

— Chegamos.

Num abrir e fechar de olhos, estavam em frente ao hospital. Como era possível? Decididamente estava sonhando. Era isso, um sonho. E se era um sonho, nada de mal iria lhe acontecer. Acordaria e estaria tudo bem. O homem puxou-lhe suavemente pela mão, arrancando-o destes pensamentos.

— Vamos ver a tua mãe.

— Mas, já não são horas da visita! — exclamou o miúdo. — Não nos vão deixar entrar!

— Não te preocupes! — retorquiu o homem, sorrindo. — Se tu acreditares, tudo é possível!

E Ricardo, apertando fortemente a mão do homem, acreditou. Como num sonho, ambos passaram junto ao segurança da entrada, passaram por médicos, enfermeiros, auxiliares e nenhum reparou neles ou lhes perguntou o que faziam ali fora de hora. Ricardo tinha agora a convicção plena de que estava so-nhando.

Naquele momento, irrompeu pela porta principal uma maca com uma mulher toda suja de sangue. Ia em estado de choque. Ricardo ouviu o bombeiro informar que aquela mulher e o amante tinham sido atingidos por disparos de uma caçadeira, empunhada pelo marido despeitado e ciumento. Quando a maca passou por eles, Ricardo reconheceu a mulher: era a que, de tarde, o ignorara. A fina e elegante política dos cartazes.

— Ela vai ficar bem. — assegurou-lhe o homem. — Vamos ver a tua mãe.

Chegaram ao quarto onde estava a sua mãe. Achava-se deitada na sua cama, mergulhada num sono profundo, com todo o sofrimento estampado no rosto. De sua boca saía um tubo que ligava a uma estranha máquina. Era essa máquina que a mantinha viva. Os olhos do miúdo encheram-se de lágrimas. Do rosto do homem rolou uma lágrima solitária, porém sincera. Limpou-a e tocou suavemente na mão da pobre mulher. O tubo saltou e, serpenteando no ar, saiu completamente da boca da moribunda. O seu rosto, ainda há poucos instantes sofredor, passou a ostentar um sorriso resplandecente, tranquilo. O miúdo olhava boquiaberto o milagre que presenciara. O homem apertou-lhe a mão, fazendo-o sair desse fascínio.

— Dá-lhe um beijo e deixe-a dormir e recompor-se. — disse-lhe o homem. — Amanhã já irá contigo para casa.

— Mas, como? — retorquiu Ricardo. — Ela está doente!

— Já não! — disse o homem com um sorriso. — Vá, confia em mim!

Ricardo confiou, mais uma vez, naquele estranho. Beijou a mãe, que continuava a dormir profundamente. Saíram do quarto e caminharam para a rua. Mais uma vez, ninguém pareceu vê-los. No exterior do hospital, o miúdo perguntou:

— E agora?

— Agora vamos arranjar uma pensão para passares a noite. E, amanhã, vais receber um telefonema do hospital a informar-te que a tua mãe está curada e que vai ter alta.

— Mas, não tenho telefone, nem uma casa. — afirmou Ricardo, convencido de que estava no meio de um sonho.

— Não tens de te preocupar com isso. A tua mãe ficará contigo na pensão, até terem uma casa. — disse o homem, algo misterioso. — Olha, chegamos à pensão.

Era um edifício com cerca de vinte e tantos anos, muito bem cuidado. Entraram.

— Boa noite! — exclamou o recepcionista, levantando os olhos do livro que lia. Olhou para os recém-chegados e reconheceu o homem que acompanhava Ricardo. — Como está, Senhor? Já há muito tempo que não o via por aqui!

— Mas tenho andado por aqui, Pedro! — retorquiu o homem, cumprimentando o recepcionista. — Olha, quero um quarto para duas pessoas. O vosso melhor quarto. O quarto é para este garoto, o Ricardo, e para a sua mãe que chega amanhã. É verdade. Amanhã vão telefonar do hospital a informar que a mãe do Ricardo terá alta. Quando acontecer, informa o rapaz e manda um táxi ir buscá-la. Ponham tudo na minha conta, que logo pagarei.

— Quarto 122. — disse o recepcionista, entregando a chave ao homem.

O homem agradeceu e levou o miúdo para o sofá do átrio, onde se sentaram ambos.

— Ricardo, tens aqui a chave do teu quarto. Não deixes ninguém lá entrar a não ser a tua mãe.

— Obrigado! — agradeceu, lançando-se ao pescoço do estranho. — Obrigado por tudo. Estou sonhando, não estou? Tenho de estar...

O estranho sorriu. Levantou-se e estendeu a mão a Ricardo.

— Agora, vais para o quarto, lava-te e jantas aqui na pensão. Depois, vais dormir e, amanhã, a tua mãe tem alta. E ela virá para aqui. Se necessitares de algo, ou de ajuda, podes confiar no rececionista e no gerente. São pessoas de bem!

— E o senhor? — perguntou-lhe o miúdo.

— Eu tenho de ir. — disse o estranho, vagamente. — Mas voltaremos a encontrar-nos, prometo.

Deu-lhe um abraço, afagou a cabeça do garoto e, sem mais palavras, saiu para o exterior.

Ricardo ficou vendo o homem se afastar. Pela sua mente passaram os diversos momentos daquele dia: a solidão a que fora votado pelo líder religioso e pela dirigente política; o susto que teve ao encontrar aquele homem; a loja aberta só para si; o ma-nequim desaparecido e reaparecido, de novo, na montra; a ida ao hospital; a cura da mãe; a pensão... Só podia estar sonhando. De início, um pesadelo, que depois se transformou num sonho. Era isso, um sonho. Mas, o homem dissera-lhe que era tudo realidade! Tinha de confirmar se era um sonho ou realidade. Pregou um forte beliscão na sua própria perna. A insuportável dor que sentiu fê-lo soltar um berro, que perturbou o silêncio reinante no átrio da pensão.

— Claro! — pensou, esfregando os olhos e compreendendo que tudo aquilo não era um sonho. — Que estúpido fui! Então

não estava mesmo metendo pelos olhos dentro... Talvez ainda haja tempo...

Ricardo deu uma corrida até à porta. Ao longe, o homem afastava-se. Perdia-se na noite escura.

O rapaz lembrou-se das palavras do estranho: “*se acreditares, tudo é possível!*” e gritou:

— Eh! Eh! Por favor! — encheu-se de coragem, acreditou e chamou o homem pelo nome: — Jesus!

O homem parou. Sem saber bem como, num ápice, Ricardo chegou junto dele.

— Jesus! Eu sei que é você! — exclamou o rapaz, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Obrigado por tudo! Ah, é verdade, muitos parabéns, neste teu dia de aniversário. Neste natal.

Jesus sorriu-lhe mais uma vez. Abraçaram-se.

— Feliz Natal, Ricardo! — disse-lhe Jesus. E, gradualmente, desapareceu.

Ao longe, soaram as doze badaladas. Meia-noite. Natal!



A vertical Christmas tree on the left side of the frame, illuminated with warm white lights. The background is a dark blue night sky with falling snow and several white stars. The overall mood is serene and festive.

O MENINO QUE VÊ
A VERDADE

Andrea Carvalho

O MENINO QUE VÊ A VERDADE

Andrea Carvalho

Fra uma daquelas crianças quietas. Gostava de tudo muito organizado. Não se enturmava com ninguém. Brincava sozinho. Ocupava o sótão da casa com um pequeno exército feito de soldados de pedra que ele mesmo fabricou. Menino calado, sempre acompanhado de um boneco sujo e surrado de natais passados. Natal que, aliás, era o maior medo dele.

Quando começavam os preparativos para as festas de fim de ano, Calel se amedrontava ainda mais. Esgueirava-se pelos cantos da casa e passava a dormir com a luz acesa.

Tudo começou na tenra infância. Em seus três primeiros anos de vida, quando as árvores natalinas eram instaladas em lojas e casas, o menino não parava de chorar. Para sair à rua, era arrastado pela mãe. Quanto mais enfeites, mais o desespero dele aumentava. Certa vez, ele teve um ataque de fúria em uma dessas visitas ao Papai Noel do shopping. Surtou. Gritou, esperneou, arranhou o Papai Noel. A mãe de Calel não conseguia se conformar com a bagunça que o filho havia armado.

Desde esse escândalo, nunca mais se ouviu falar em visitas ao presépio do shopping. O pânico do menino ao avistar, mesmo que de longe, qualquer figura que lembrasse Natal, intrigava a todos à sua volta.

Certo dia, Calel subiu a escadaria da escola até a biblioteca do colégio. Era horário do recreio, crianças brincavam pelos

corredores. Lá fora a chuva impedia que se explorassem os campos de futebol. Calel ia em direção à porta da biblioteca quando deu de cara com um boneco do Papai Noel em tamanho real. Ele simplesmente estancou. Parou de caminhar e ficou olhando fixamente para aquele boneco. Não se mexeu durante o intervalo todo. Nem piscava. Uma das professoras o encontrou depois que os outros alunos se recolheram à sala de aula. Ele ficou lá, estático, como se tivesse visto um fantasma.

— Calel, querido, a sirene tocou. — disse a professora pacientemente.

Ele não respondeu, sequer olhou para ela. A professora, sutilmente, tocou os ombros dele e o empurrou em direção à diretoria. Neste momento, o menino acordou do que parecia ser um coma profundo. O grito que ele deu invadiu os corredores da escola e todos foram ver do que se tratava. Ele desmaiou. Foi levado para casa nos braços do pai, que foi correndo atender ao chamado da diretora.

O tempo passou e os pais desistiram de festas natalinas, presentes, enfeites, músicas.

Na véspera de Natal do ano passado, Calel se escondeu embaixo da cama e de lá não quis sair de maneira alguma. A mãe foi conversar com o filho:

— Meu filho, por que você está aí? Vamos conversar. Eu fiz leite com chocolate bem quentinho, como você gosta.

— Não, mamãe. Eu não vou sair daqui. Eles agora estão até nas fotos. E ontem um apareceu no sótão. O exército não está mais conseguindo me proteger.

— Que história é essa, menino?

— Olha essa foto, mamãe, a senhora consegue ver? — esticou uma foto amarelada em direção a ela.

Lurdes, a mãe de Calel, pegou a fotografia carcomida pelo

tempo e ficou surpresa ao perceber que se tratava de uma antiga foto de família, no Natal de muitos anos atrás, quando ela era uma menina na idade do filho.

— Calel, onde você encontrou isso? É uma foto com sua bisavó. Nesta noite ganhei a maior e melhor boneca da minha vida. Foi no ano que seu avô morreu.

— Mamãe, a senhora não vê? Ali atrás, perto da árvore?

— Não, nada. Apenas uma pilha de presentes...

Ele começou a chorar. Devagar foi saindo de debaixo da cama e sentou próximo à mãe. O braço estava todo arranhado. Havia sangue na camiseta.

— Eu vejo ele. Eles. Ali atrás — falou baixinho secando as lágrimas. E apontou para a parede onde estava a árvore com os presentes. A mãe tomou a foto do garoto.

— Calel, pare de bobagens. Não tem nada ali. E vamos logo limpar esse braço. Como você se machucou?

— Você não entende? Antes eles não apareciam em fotos. — gritou o menino. — Antes eles não conseguiam me machucar. — deixou a xícara de leite quente cair no chão e saiu correndo em direção ao sótão.

Ficou por lá a tarde toda. Quando o pai chegou, ele desceu, deu boa noite a todos e foi para o quarto. Foi mais uma noite de pânico. Como todas as outras noites de Natal. Calel gritava e socava o ar. Os pais conseguiram pegá-lo no colo e o levaram para o quarto deles. Assim ele se aquietou. No outro dia, pela manhã, envergonhado pediu desculpas aos pais.

O pai aproveitou para entregar um presente ao filho.

— Calel, esse seu ursinho aí já está velho e sujo. Veja o que eu lhe trouxe. — E entregou o embrulho ao filho.

Calel entrou novamente em estado de pânico, e olhava para o presente como se mil cobras estivessem se mexendo dentro daquela caixa. Saiu correndo e se trancou no guarda-roupa. Não saiu de lá o dia todo. Foi dormir sem nada comer.

Os dias correram. Calel se acalmou e finalmente as festividades se encerraram.

O ano-novo chegou e passou sem grandes sustos naquela casa. O menino tirou todas as fotos natalinas dos porta-retratos. Também rasgou todo e qualquer presente, embrulho, cartão. Não havia sinal algum de Natal nem nas caixas velhas escondidas no sótão.

Mas o tempo passou e novamente o Natal estava para chegar. Calel já havia completado dez anos. Continuava às tardes trancado com seu pequeno exército de pedra. O urso velho estava ainda mais gasto, mas Calel mantinha-o inseparável. O menino quase não falava e até para ir à escola era um sacrifício.

Na véspera de Natal, os pais foram convidados a participar da festa na casa do prefeito. Seria muito importante eles comparecerem, concluiu o pai na hora do almoço. Afinal, ele se preparava para disputar as eleições na câmara municipal.

— Nós vamos, meu filho, e para que você não apronte das suas, vamos contratar uma babá para cuidar de você esta noite.

E assim fizeram. Os dois saíram impecáveis. Levavam presentes para serem distribuídos. Calel olhava com asco e medo. A babá chegou e Calel foi para o quarto.

A babá, na verdade, era a filha da vizinha. Alice o nome dela. Desde sempre ajudava a cuidar do menino. Por conta do dinheiro bom que estava sendo pago, desistiu de passar o Natal com a família. E ainda ia aproveitar para ver o namoradinho.

— Calel? Estou na sala vendo TV. Você não quer ficar comigo? — perguntou Alice.

— Vou ficar aqui. Estou bem. — respondeu Cael espalhando o exército de pedra ao redor da cama.

Ficou sentado de olhos bem abertos e apavorado enquanto lá fora o mundo comemorava a chegada do Papai Noel. Se eles soubessem o que eu sei, pensou o garoto consigo mesmo.

De repente um barulho estranho veio da sala. Cael ficou em dúvida entre se esconder embaixo das cobertas ou ir ver o que era. Lembrou-se de Alice sozinha. Abriu a porta e olhou o corredor escuro que dava acesso à escadaria que levava até a sala. Lá debaixo, novamente um barulho abafado e a televisão num volume acima do normal. Alice deixou num canal que só tocava música natalina. Cael foi pé ante pé até a escada. Começou a descer com bastante cautela. As sombras que se formavam na parede pareciam querer engolir o menino.

Chegando ao pé da escada, Cael pôde ver o horror.

O monstro estava sufocando Alice. Sem pensar duas vezes, correu em direção a eles e os derrubou no chão. Conseguiu esticar o braço e alcançou o *abajour* que havia caído durante o salto. De um golpe só, acertou a cabeça do monstro. Alice gritava e recebia os jatos de sangue na cara enquanto Cael destruía aquela besta. Alice saiu correndo, quase foi atropelada e se trancou na própria casa. Cael foi atrás dela. A casa de Alice estava toda enfeitada. Cada enfeite daqueles era uma bestialidade sorrindo para Cael. Desde que nasceu, podia ver o verdadeiro espírito de Natal. Que não tinha nada de divertido.

Eram seres horrendos, disformes, famintos, com dentes amedrontadores. Os olhos injetados de terror e ódio.

Cada árvore enfeitada para o Natal se transformava em um esqueleto monstruoso, um ser de proporções gigantes, era como cadáver sem pele, apodrecido e esfaimado.

As caixas de presente se transformavam em bichos peçonhentos de espécies nunca vistas antes. Eram cobras de três ca-

beças, escorpiões de duas caudas. Era como se a porta do inferno se abrisse e de lá saíssem as criaturas mais grotescas do universo.

Cada Papai Noel, mesmo que um fantoche, ou um inocente boneco cantor, era um espírito maligno que se manifestava. Todos aproveitavam para matar a sede de ódio que sentiam. Cada criança abraçada servia de alimento para eles. Eram comedores de almas. Invariavelmente nas famílias mais chegadas a festas natalinas, alguém morria porque os espíritos sugavam tanto a energia deles que muitos não aguentavam.

E Calel podia vê-los. Podia senti-los. E nada conseguia impedir aqueles servos do mal. A única coisa que funcionava para Calel era o exército de pedra que ele mesmo fizera. De alguma maneira, aquelas pedras afastavam os seres malignos. A cada Natal ele fabricava mais e mais. O urso velho também o protegia. Servia como uma espécie de amuleto.

Calel encontrou Alice apavorada.

— Precisamos conversar. — implorou Calel.

Alice segurava uma faca afiada.

— Você matou meu namorado, Calel. Ele foi me fazer uma surpresa e você o matou. — lamentava Alice, chorando e apontando a faca para o garoto.

— Alice, ele era um demônio, um ser de outro planeta, não sei, acredite em mim, eu posso ver a verdade.

— Não, — gritou Alice -, não pode ser! Ele estava apenas fantasiado de Papai Noel!

E a moça caiu em prantos. Largou a faca e Calel aproveitou para se aproximar. Pediu a Alice para ir embora dali já que a casa estava infestada de monstros nos enfeites que a adornavam.

Alice estava em choque e aceitou sair com o menino. Sentaram no meio fio em frente à casa de Calel. A porta estava aberta e

lá dentro se via o corpo do tal namorado.

— Eu acho que eu vi também. — falou Alice em uma voz embargada, quase sussurrando.

— O quê? — duvidou Calel.

— Sim, quando você estava batendo nele, eu acho que vi. Ele estava medonho, assustador, com garras, e uma pele que... Ah, Calel, isso é loucura, como pode ser?

— Alice, ninguém mais vê. Para todo mundo, eu matei o seu namorado. Nem ele sabia que estava sendo usado. Mas acredite, eles estão em tudo, até nas bolinhas da árvore. Eu vejo todos. E sinto. E eles me machucam. Antes ficavam de longe, à espreita, mas agora já conseguem me tocar. E começaram a aparecer em fotos também. Quando as crianças estão sendo sugadas, as almas delas choram e eu ouço. É horrível. O grito de uma alma é ensurdecedor. Me desculpe, mas eu não aguentei. Ele ia matar sua alma, Alice. Foi por pouco.

— Mas eu não senti nada. — argumentou.

— Pois é, ninguém sente. O corpo não sente, mas eu vejo e ouço o que a alma sente. Ela grita pedindo socorro.

Alice se encolheu nos braços de Calel.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Alice.

— Não sei. Vamos ter que inventar um assalto, algo assim. Você me ajuda?

Foram os dois tentar limpar a bagunça, ainda tremiam diante de tanto horror. Chamaram a polícia. Os pais de Calel chegaram preocupados. A mãe foi correndo ao encontro do filho. Abraçou o menino e perguntava sem parar se estavam bem. Alice também foi amparada pelos pais. A polícia tirou fotos, fez uma perícia preliminar e pegou o depoimento das crianças. Os dois contaram que pensaram se tratar de um ladrão e só perceberam

que não era quando conseguiram que o homem ficasse quieto.

Alice não parava de chorar. Contou que conhecia o rapaz da escola e que, por ele estar vestido de Papai Noel, não o reconheceu. E assim deram por encerrada a história de legítima defesa.

Alice e Cael, desde então, começaram a andar sempre juntos. Construíam soldados de pedra. Encerravam-se em bibliotecas onde tentavam achar teorias — mas nada ainda explicou quem são esses seres. E o garoto mostrou a Alice a foto antiga da família. E ela pôde ver realmente que no cenário atrás das crianças há uma árvore disforme, esquelética, perversa, toda coberta por enfeites que são bocas abertas com dentes afiadíssimos e cruéis. Das caixas de presentes saíam insetos e bichos nojentos que se espalhavam pelo chão. E um Papai Noel demoníaco e monstruoso olhava diretamente para eles.



A vertical photograph of a Christmas tree on the left side, illuminated with warm white lights. The background is a dark blue night sky with falling snow and a snowy landscape. The text "DESEJO REALIZADO" is centered in the upper half, and "Reinaldo Yamauchi" is centered below it.

DESEJO REALIZADO

Reinaldo Yamauchi

DESEJO REALIZADO

Reinaldo Yamauchi

velho respirava com dificuldade, estava sentado à beira do sofá, sozinho. Em uma das mãos segurava um copo de uísque e na outra uma bengala na qual apoiava o seu corpo que se inclinava ligeiramente para frente.

Era véspera de natal e o velho estava sozinho. A casa onde morava era grande. Antiga, com pé direito alto e mobília velha, mas conservada. Seus filhos não vinham mais visitá-lo e sua mulher havia morrido há muito tempo. Na mesinha da sala, uma chapa de pulmão e o laudo do exame: o velho tinha câncer de pulmão.

Amargurado, tragou de uma vez sua dose de uísque. Estava cansado, abatido. O álcool o consolava e aos poucos fazia a sala girar suavemente, como que num balanço para ninar.

Quando o velho começou a cochilar, um barulho forte e ressonante como um trovão o fez acordar assustado. Ao abrir os olhos, assustou-se mais ainda ao ver na sua frente três figuras estranhas como que saídas de um conto de fadas ou, talvez, de terror.

Cada um dos homens vestia-se de um modo distinto. O que ficava à extrema direita do velho tinha uma aparência bastante jovial. O cabelo era cacheado e alourado, e ele vestia uma túnica vermelha que, com exceção da cor, parecia ter saído de um filme sobre o império romano. O homem do meio era de meia idade, esbelto, de cabelos grisalhos. Vestia-se com um terno preto de corte alinhado e que lhe dava certo ar de sofisticação. O terceiro

homem era mais velho, aparentava uns 85 anos, mas tinha uma boa postura, era bastante magro e enrugado e tinha um ar sério, compenetrado. Vestia-se com uma túnica branca.

O velho avarento superou o susto e perguntou meio que gaguejando:

— Quem são vocês? O que querem de mim?

O homem mais velho, de branco, respondeu:

— Somos seres de outra dimensão, mas vivemos entre vocês, mortais. Geralmente vivemos como gente do Governo, da mídia, do entretenimento, dos negócios, ou seja, pessoas influentes. Viemos aqui para lhe oferecer uma segunda chance.

— Segunda chance? Do que está falando? Não estou entendendo.

O homem de branco apontou para o exame na mesinha que diagnosticava o câncer.

— Você está morrendo, não está? E o pior de tudo é que ninguém o quer por perto. Você é um velho avarento e egoísta, por isso está sozinho nesta casa se embebedando. Seus próprios filhos o rejeitam. Não tem amigos, não possui nenhum laço afetivo. Toda a sua vida não passa de uma coleção de desafetos e de acumulação de riquezas. Você nem ao menos se dá ao luxo de aproveitar os prazeres que o dinheiro proporciona. Você o acumula com um fim em si mesmo. Você está morrendo neste exato momento enquanto conversa comigo. Viemos oferecer uma segunda chance ou ajudá-lo nos preparativos de sua partida. Perceba que a falta de ar que sentia há pouco já não está mais presente. É por que você agora pertence mais ao nosso mundo do que àquele em que se encontrava.

O velho então observou o desconforto, agora menos presente. Talvez estivesse mesmo morrendo ou talvez apenas alucinando. De qualquer forma, resolveu que seria sábio interagir com

aqueles homens estranhos a fim de saber o que realmente estava acontecendo.

— Podem mesmo me dar uma segunda chance? Vocês são anjos?

O velho de branco deu uma risada escancarada e respondeu:

— Anjos?! Não, não somos anjos. Os anjos não querem nada com o senhor, e, sim, temos poderes para ajudá-lo. Cada um de nós irá lhe fazer uma proposta em particular. O senhor poderá, depois, decidir qual lhe é mais agradável. Iremos pedir algo em troca, é claro!

— Acho que não tenho muita escolha, não é mesmo? Pois bem, sou todo ouvidos. Mas o que querem em troca? Minha alma?

— Sua alma?! Claro que não! Sua alma já se perdeu há muito tempo e nem precisou da nossa ajuda. Toda a sua mesquinhez e sordidez nos apraza e nós nos regozijamos bastante sempre que o observamos. O que queremos é a sua fortuna e estamos preparados para oferecer algo em troca. Mas chega de conversa fiada! Vamos ao que interessa. Cada um de nós irá lhe fazer uma proposta. Escute e avalie cada uma delas.

Dito isso, o homem jovem de túnica vermelha aproximou-se do velho para conversar. Os outros dois homens desapareceram da sala como num passe de mágica.

— Meu senhor, o que lhe tenho a oferecer é a juventude. Você será jovem novamente, mas, para isso, eu vou querer todos os seus bens. Tudo o que você possui deverá ser passado para o nome da minha organização aqui neste mundo. Em compensação, você terá tempo de sobra para conseguir tudo o que tem novamente. Com o seu talento, isso não deverá ser muito difícil.

Dito isso, o jovem de túnica vermelha desapareceu do recinto. Alguns segundos depois, apareceu o senhor de terno preto.

— O que eu tenho a lhe oferecer é este punhal. Pode parecer estranho, mas é isso mesmo. Ele é mágico. O que o senhor pode fazer com este punhal? Poderá matar seres como nós! Não, não quero que o senhor me mate. Eu tenho um plano, escute. O jovem de túnica vermelha lhe ofereceu juventude, não é isso? Pois bem, eu lhe afirmo também que o velho de branco dirá que o senhor pode permanecer com sua fortuna e lhe oferecerá alguns anos a mais de vida. Em troca, quando chegar a sua hora, toda a sua fortuna deverá ser repassada a ele. O que eu lhe ofereço, na verdade, é a oportunidade de viver para sempre e ao mesmo tempo ser rico. Eu quero em troca a sua fortuna, sim, mas não o deixarei na mão. Dar-lhe-ei o seu peso em ouro 24k. Isso, mesmo. O senhor ganhará seu peso em ouro e poderá trabalhar comigo, ao meu lado, se assim o desejar.

— Sua proposta até agora é a melhor, considerando que o velho de branco faça mesmo a proposta que o senhor me diz que fará. Mas não estou entendendo muito bem como funcionará o seu plano. Como posso conseguir isso usando o punhal? Devo matar algum deles, eu suponho. Mas quem?

— Sim, o senhor terá que matar! Na verdade, o senhor terá que matar a ambos. Quando o velho de branco acabar de fazer a proposta, enfie o punhal no coração dele. Depois disso, chame o jovem de túnica vermelha novamente. Diga que está interessado na proposta dele e, quando ele aparecer, mate-o da mesma forma que o velho. O plano é bastante simples. O senhor apenas precisa de coragem para matá-los. Ao fazer isso, eu receberei o poder que eles possuem e poderei dar aquilo que lhe prometi. O senhor conseguirá realizar esse plano?

— Sim, claro que consigo! Faça qualquer coisa para viver para sempre e com riqueza.

— Pois bem, vamos agir, então. Pegue o punhal e, quando o velho de branco fizer a proposta, faça o que tem que ser feito.

O senhor de terno preto, então, desapareceu do recinto. Al-

guns segundos depois, apareceu o velho de branco para fazer sua proposta.

— Meu senhor, você já ouviu o que os outros disseram. Ouça agora a minha proposta e veja se lhe agrada. Não sei o que os outros ofereceram, mas sei que o que tenho a lhe oferecer é tentador. Eu posso lhe dar mais cinco anos de vida, com muita saúde e disposição, mas, passado esse período, o senhor irá morrer como todos os mortais. Então, toda a sua fortuna será passada para mim. O que acha?

— Desculpe, não consegui ouvir direito o que disse. Será que pode falar mais perto do meu ouvido?

O velho de branco, então, aproximou-se do velho avarento e, ao fazê-lo, sentiu uma pontada no coração. O velho avarento enfiara o punhal no coração dele. O sangue manchou suas vestes brancas, ele caiu no chão e, depois de alguns segundos tremendo, desapareceu.

O velho avarento, então, evocou o jovem de túnica vermelha.

— Meu jovem, estou interessado na sua proposta. Por favor, apareça!

Ele então apareceu do nada, sorridente, confiante de que havia sido bem sucedido na negociação. Ele se aproximou do velho para cumprimentá-lo pela concretização do negócio, mas, ao apertar uma mão do velho, foi ao mesmo tempo apunhalado pela outra mão. Caiu de joelhos, sangrando. Depois se debruçou no chão, tremendo, e desapareceu em seguida, como o velho de branco.

O velho avarento, então, chamou o homem de terno preto.

— Está feito! Matei a ambos. Agora cumpra o nosso acordo.

O homem de terno preto então surgiu do nada.

— Parabéns! Você cumpriu a sua parte, agora eu cumprirei a

minha. Havia prometido que o senhor viveria para sempre e com seu peso em ouro, não é isso? Beba esse líquido que trago comigo e então a promessa estará cumprida.

— Você não está tentando me enganar, está? Essa bebida não irá me matar? Como posso confiar em você?

— Eu sou obrigado a cumprir o prometido sob pena de não receber a sua fortuna no final. Se pudesse, eu o mataria agora e ficaria com seu dinheiro, mas eu jogo sob certas regras que estão além da minha vontade. Portanto, não irei matá-lo.

O velho avarento resmungou alguma coisa, mas pegou o copo e bebeu o líquido que havia nele. Algo estranho começou a ocorrer no organismo do velho. Ele começou a sentir seu corpo endurecer dos pés à cabeça. Aos poucos, ele foi ficando impossibilitado de se mover, até chegar ao ponto de total imobilidade. A visão que se seguiu era realmente espantosa. O corpo inteiro dele havia se transmutado em ouro. O velho avarento havia se transformado numa estátua de ouro!

O homem de terno preto se aproximou da estátua e olhou bem nos olhos dela. Olhando daquele jeito, bem de perto, era possível ver os olhos da estátua se moverem alguns milímetros, embora não piscassem. Sim, o velho avarento estava vivo! O velho estava preso em si mesmo, na forma de uma estátua de ouro! O homem de terno preto deu uma gargalhada e falou bem alto:

— O trato está cumprido! Você irá viver para sempre. E você recebeu o seu peso em ouro, literalmente! Pô-lo-ei em minha sala para decorá-la, velho avarento! Hoje é um dia de grande felicidade para mim. Não só meus competidores foram aniquilados como ganhei uma fortuna e um valioso objeto de decoração!

Quem passasse na rua naquele momento poderia ouvir uma risada estridente e um tanto amedrontadora ecoando daquela casa. Ninguém jamais poderia imaginar o que realmente ocorrera ali. Ninguém a não ser você, caro leitor. Portanto, se, em alguma véspera de natal, aparecerem três seres estranhos na sua frente,

simplesmente os ignore e volte a dormir.



A vertical Christmas tree on the left side of the frame, illuminated with warm white lights. The background is a dark blue night sky with falling snow and several white stars. The overall mood is serene and festive.

TOMÁS

Francelise Márcia Rompkovski

TOMÁS

Francelise Márcia Rompkovski

Fra já muito tarde quando uma luz débil e amarela surgiu por entre os túmulos e os jazigos do cemitério da capital. Uma estranha figura a segurava.

Naquele momento, não era possível distinguir a verdadeira identidade do vulto, que lentamente caminhava pelos tortuosos corredores daquele cemitério branco de neve.

Por uma, ou talvez duas vezes, o vulto cambaleou, certamente escorregando no gelo que cobria as pedras da calçada. E isto nos permite crer que aquela figura bizarra, embora parecesse um fantasma, por certo não o era. Afinal, fantasmas costumam flutuar e não são susceptíveis a escorregões.

O homem em questão tinha as duas mãos ocupadas, uma mão segurava uma lanterna e a outra, uma garrafa empunhada pelo gargalo.

— Esse é um péssimo dia para se morrer! — suspirou a voz rouca e mórbida do homem, enquanto largava no chão a lamparina e procurava nas algibeiras uma chave que logo casou com a fechadura de uma portinha corroída.

Ironia ou não, quem passeasse por lá não deixaria de notar que muitos mortos que ali moravam tinham um lar infinitamente maior e melhor do que o daquele pobre coveiro, que habitava um casebre ínfimo e torto.

— Imagine morrer no Natal! Não é horrível, Tomás? — indagou o coveiro ao mesmo tempo em que alumiava o pequenino

ambiente.

Silêncio.

— É, é... Eu sei que demorei — respondeu o homem aborrecido, enquanto juntava a um canto torinhas de madeira. — Mas a taberna estava cheia, e tive que esperar o taberneiro descer a adega. Comprei o melhor vinho da casa.

Silêncio.

— Se é francês? Claro! Natal é só uma vez por ano.

Silêncio novamente.

O coveiro pareceu se irritar com o seu companheiro, pois franziu o sobrolho.

— Por que está me olhando assim, Tomás? Já não lhe disse que ganhei o dinheiro ontem? Eu entendo que você tem esquecido as coisas muito facilmente nos últimos tempos, mas vir a me acusar desta forma! Eu sei que sou um pobre diabo, mas isso não me dá o direito de roubar, nem dos vivos, quanto menos dos mortos!

O coveiro depositou então a lenha que havia juntado na lareira e a acendeu.

— Tomás! — exclamou numa censura. — Isso não são palavras de um homem honesto, vamos lá! Eu sei, meu amigo, que os mortos-cavalheiros não vêem as horas ou as mortas-damas não vão a bailes com suas jóias... Contudo, o fato é que honestidade é honestidade, seja deste lado seja do outro. E pensar em roubar, Tomás, num dia como hoje, não é digno.

Tomás continuou em seu canto, imóvel.

O calor irradiado pelo fogo principiava a tomar agora todo o ambiente cinzento do casebre. O coveiro pôde, então, retirar seu casaco puído e depositá-lo sobre um gancho na parede. Sentou-se

numa cadeira de modo a ficar frente a frente com Tomás.

Ali perto, na igreja, a missa de Natal corria e o coro do padre, em latim, se sobressaía. Vindos da rua, ouviam-se também risos infantis e vozes alegres de homens e mulheres, que possivelmente haviam se atrasado para aquele que era o grande evento da noite.

O coveiro observou o fogo crepitar e lembrou-se de seus tempos de pequeno, em que escrevia cartinhas para São Nicolau, e depois as largava sobre as chamas, a fim de que sua mensagem atingisse o ilustre destinatário, através da fumaça mágica. Nunca recebera o que pedira. E com o passar dos anos, deixara de pedir.

Com certa melancolia, o pobre guardião dos mortos baixou seu olhar para a mesa roída e fitou ainda uma vez aquelas moedinhas de ouro que ganhara no dia anterior, as que ainda haviam restado. Gastara parte delas com o vinho e dera uma a duas meninas carvoentinhas que vendiam biscoitos ali por perto.

Tomás pareceu interromper seus devaneios.

— Nem me diga, caro amigo! Nem me diga. Parece até que estou ficando louco, não é mesmo? Num dia, o sujeito está morto, depois de uma semana, vê-se vivo. Quem poderia crer?

Silêncio.

— É o que eu acho também. Mas vamos parar de falar nisso.

Mais silêncio.

— Já disse que ele não quis me dizer, Tomás! Quantas vezes tenho que repetir?

A insistência de Tomás em saber todos os detalhes deixava-o doente, mesmo por que, para ele que tudo vira, as coisas não pareciam muito verossímeis.

Aquele pensamento nefasto, aliado a repentinas e firmes batidas na porta, fizeram o homem dar um salto na cadeira. Ele

hesitou por um instante, o coração palpitando com violência em seu peito. Quem bateria a sua casa àquela hora, na véspera de Natal? Aquele barulho todo só podia ser coisa de sua cabeça. Melhor que tivesse sido.

As batidas se repetiram, mais fortes desta vez, se isso era possível.

O coveiro, pois, tentou afastar qualquer resquício de medo que restava em si. Considerou-se um tolo por aquele pavor todo, sem fundamento algum, e fitou Tomás um pouco envergonhado.

Levantou-se e abriu a porta.

A figura que se apresentou para ele estava embrulhada em uma capa e mal se podia ver seu rosto, oculto sob o capuz. A palpitação em seu peito cessou, repentina e friamente, como se seu coração estivesse sustido diante dele, no tempo. O coveiro soube imediatamente quem era, e empalideceu, mas ainda assim abriu caminho. Não havia como fugir dela, ele sabia, todos sabiam.

Ela tirou o capuz e seus cabelos longos caíram-lhe sobre os ombros, seus olhos claros reluziam como cristais, submetidos à luz do fogo. Tinha uma beleza estonteante, sobrenatural.

— Não deveria tê-lo deixado escapar — disse ela, com autoridade.

Ele tremia. Sabia que não duraria muito, que sua hora estava próxima.

— Deveria ter feito algo, coveiro! — exclamou ela. — Acha natural um homem reviver depois de uma semana no mundo dos mortos? Diga-me!

Ele, bem como Tomás, ficou em silêncio. Não deveria discutir com ela.

A dama suspirou com raiva e observou rapidamente o imóvel Tomás, as moedinhas, a garrafa de vinho e a miséria do lugar.

O latim do padre na igreja ecoava desolador.

— Eu irei de bom grado, em troca — o coveiro muito bem sabia que era a única coisa que poderia dizer para ela, que era a única coisa que ela aceitaria.

A bela dama pareceu ponderar por um instante a oferta. Lançou mais um olhar ao interior do casebre e ao coveiro, que ainda mantinha os olhos baixos, fixos no chão batido sob seus pés, resignado. Leu, então, deliberadamente, o espírito daquele homem e, ao fazê-lo, ela titubeou. Mordeu os lábios. Desviou os expressivos olhos e fitou a neve cair suavemente pelos vidros sujos da janela. Não havia como subtraí-lo do mundo. A boa conduta que vinha praticando selara seu destino. Algo mau não poderia ser trocado por algo bom.

— O senhor deseja muito continuar com suas tarefas mundanas, coveiro, e não tenho por que levá-lo — sentenciou friamente.

Vestiu novamente o capuz do manto e abriu a porta. Teria um longo caminho noite adentro para localizar a alma que deveria ser ceifada. Às suas costas, sabia que o homem soluçava de alegria. Ela não podia compreender o porquê de se apegar tanto a uma vida tão miserável como a que ele levava. Contudo, ao voltar seus olhos para ele, compreendeu. Era a única coisa que o coveiro possuía.

— Sou rainha de meu trabalho, coveiro, e mantenho seu poder de viver, se é o que deseja.

Uma rajada de vento atingiu o interior do casebre e, num redemoinho de gelo, a dama desapareceu.

O coveiro então sentiu seu coração palpitar novamente, o calor voltar a se distribuir pelo seu corpo, um pouco de alegria retornar ao seu espírito. Fechou a porta, ainda fremindo, e, ao se voltar para Tomás, encontrou-o atrás de um delicioso assado fumegante. Havia também um bolo doce e frutas açucaradas.

Ele nem mesmo pensou em não aceitar o presente de Natal que recebera, embora tivesse vindo de sua visitante funesta. Sentou-se à mesa e principiou a comer. Bebeu prazerosamente o vinho que havia comprado direto do gargalo.

— É uma pena, Tomás, que você não possa compartilhar dessa dádiva. Está delicioso!

Restava a Tomás, portanto, com seus olhos fundos e seu sorriso impecavelmente completo, observar em um silêncio eterno seu companheiro que por pouco não fora levado à mesma condição que ele próprio, naquela alegria de Natal.

O sino da igreja bateu meia-noite e cantorias de regozijo ecoavam agora. A esperança renovava-se no mundo.

— Feliz Natal, Tomás!

E Tomás, o crânio, continuou a sorrir.





UM CONTO SOBRE ENCANTO
ENQUANTO TIVERMOS
LEMBRANÇAS

Edileuza Bezerra de Lima

UM CONTO SOBRE ENCANTO ENQUANTO TIVERMOS LEMBRANÇAS

Edileuza Bezerra de Lima

Lra a quinta vez que ia ao portão. Nem meu pai. Nem meu tio. Nem minha avó. Como diria Guimarães: nonada. O meu tio tinha uma imaginação e tanto para comprar os presentes. Era meu ídolo. Nunca dava roupa. Sempre brinquedos criativos ou bons livros ilustrados.

Fui para meu lugar preferido. É lá onde cultivo segredos e colho minhas verdades. Meu coração, minha interna e imaginária existência: uma casinha feita numa pequena clareira que estava linda e organizada como sempre. Eu a escondia entre vários galhos para proteger a minha intimidade das investidas intempestivas de meu irmão. Ficava lá dentro lendo ou, simplesmente, inventando histórias e escrevendo.

E lá entrei.

Na casinha habitavam vários amigos de nacionalidades diferentes. Todos feitos de pedrinhas e durepox, ricamente pintados e caracterizados por mim.

Eu os criei porque sempre discordei da história da torre de Babel, assim como da discriminação das diferenças raciais e físicas. Por isso os inventei com deficiências e os incitava a fazer coisas que eu gostaria - e que, enquanto estivesse sob a guarda de meus pais, não teria a mínima condição financeira para fazer. Um dia, trabalharei e farei tudo o que tenho vontade. Mas voltando

aos meus amigos, são eles:

Shisue, a japonesa gaga que, não podendo fazer teatro, praticava judô e karatê.

Jonathan, um pianista inglês, cuja maior qualidade era a polidez e as observações com uma leve ironia britânica. Era vesgo e usava grossas lentes.

Igor era um russo que, por ser pernetá (o durepox tinha acabado) e não poder dançar, ficava horas assistindo aos filmes e documentários sobre o Baryshnikov.

Francesca era uma italianinha que falava muito com as mãos e tinha quatro braços (acho que o durepox acabou de tantos dedinhos que tive que fazer). Ela adorava viajar e, como era muito pobre, contentava-se em olhar para um Globo e imaginar os lugares onde seus dedos paravam. Aí, os dedos brigavam entre si, pois eram vinte e quase sempre os indicadores, que eram quatro, paravam em lugares diferentes. Então, havia uma reunião para concluir para qual lugar ela viajaria.

Virei a cabeça e olhei pela janelinha que tinha feito cortando algumas folhagens, para fugir das chineladas da mamãe quando, como sempre, atrasava-me para o jantar.

Ninguém à vista e, pelo jeito, nem a prazo. A primeira lágrima pipocou, ardendo a retina. Limpei-a com raiva.

— Disse-me que daria certo, não foi?

Um lindo cachorrinho branco pulou da gravura de meu livro favorito e enxugou mais uma lágrima que rolava no meu rosto:

— No es medionoché. Tengo una buena noticia. Ella quiere hablar contigo.

Pulei de excitação. Um misto de alegria e medo. Há meses, mudara-se para a casa da colina uma bruxa. Chegou numa vasoura elétrica e passou tão rápido por mim que a única coisa que

pude ver foi a protuberância na ponta do nariz.

Acho que só voava à noite. Sempre que eu passava pela rua que dava fundos para a janela da cozinha, eu via uma cestinha com mantimentos do supermercado na portinhola. Ela rapidamente pegava a cestinha.

Parecia que tinha medo de ser vista. Devia ser horrorosa, coitada. Com aquela protuberância toda e pelo tamanho da vas-soura, devia ser obesa.

De repente, outra figura apareceu: Macabricho - nome fictí-cio que lhe dei -, uma mistura de macaco, com cabra e bicho, era muito alta. Às vezes, eu via a sua silhueta da janela. Devia ter uns dois metros. Acho que só estendia os braços para fora da janela e já alcançava a horta. Nunca a vi do lado de fora da casa. Ela pare-cia perceber que a bisbilhotava, pois fechava a cortininha xadrez em preto e vermelho, que dava mais um ar de mistério à casa.

— Javier, tem certeza de que ela quer falar comigo?

— Al igual que dos más dos es igual a cuatro.

— Em português, por favor. Já disse que não admito que ne-nhum de vocês fale comigo nas suas línguas. Além de ser falta de educação para com os nossos leitores, eu não sei falar outras línguas e só entendo vocês porque eu os criei, entenderam?

Todos parecem ter entendido, mas Javier, o cachorrinho es-panhol, é meio espalha brasa e quase sempre se esquecia desses regulamentos que criei para que pudéssemos coabitar sem gran-des tumultos.

Bem, fui para casa. Tomei um belo banho e pus o meu me-lhor vestido. Perfumei-me com água de cheiro. Não estava com medo. A curiosidade em mim faz com que eu tome certas atitu-des que até eu duvido.

Enquanto esperava alguém abrir a porta da minha própria casa, dei uma olhada no jardim. Incrível, parecia um morto que

tinha voltado do além. Muito florido e bem cuidado. Do lado direito, dava pra ver uma horta simetricamente bem plantada com as verduras já boas para o uso. Como ela conseguira reerguer em tão pouco tempo aquela velha casa?

Estava tão perdida no meio de meus pensamentos que levei o maior susto quanto senti a pressão delicada de uma mão em meu ombro.

— Pois não?

Na minha frente estava a mulher mais linda que já vi. Nem as que aparecem nas revistas de moda eram tão refinadas e elegantes. Usava roupas clássicas em tons azuis coordenados que combinam perfeitamente com o azul penetrante de seus olhos.

Nos pés, um mocassim branco que combinava com o colar de duas voltas de pérolas no pescoço delgado e com o anel também de pérola na mão fina e pequena. Tudo isso eu analisei em segundos, pois adoro navegar pelas entrelinhas dos fatos, que são mais importantes, às vezes, do que o próprio fato em si.

Ao soltar a mão que ela me estendera, senti uma sensação prazerosa de aconchego.

Entramos. A sala de estar era bem arrumada e decorada. Na mesa central, um vaso com flores recém-colhidas deixavam no ar um cheiro de asseio. Embaixo de uma árvore de Natal, em pinheiro natural, vários pacotes de presentes. Meus olhos brilharam.

Ela desligou o pisca-pisca da árvore e acendeu a luz.

Levei o maior susto. Pauline em carne e osso estava diante de mim. Ela é francesa, daí a elegância no vestir e andar. Sumiu da minha casa de repente.

— Como você demorou!

— E você, porque não me procurou mais cedo? Onde andou? O que aconteceu?

— Calma, mon chéri. Rafael quando fugiu de você deixou-me cair no caramanchão do quintal e, no primeiro temporal que teve, fui transportada pra cá pelas águas. Gostou das reformas que fiz em nossa casinha?

Ela foi a minha primeira criação com pedrinhas e durepox e foi-me arrebatada pelo meu irmão do meu outro esconderijo. Desde aquela época, nós apenas nos suportamos, apesar de nos amarmos.

Da última vez que tive um ataque epilético, foi ele quem chamou a ambulância e me salvou, puxando a minha língua para que não sufocasse. Salvou a minha vida, mas continua atrapalhando as peças de meu quebra cabeça, literalmente.

— Parece triste. Hoje é Natal. Sempre está alegre nesta época. O que houve?

— Não reconheci a minha própria criação. Estou me sentindo péssima. Fiquei dias observando você da janela da cozinha e parecia que era um monstro. Como o medo deforma a realidade das coisas... E você sempre foi a mais querida, pois foi a primeira. Sempre tive consciência de que meus pais eram simples operários. Éramos muito felizes, apesar das necessidades. O Natal do ano passado, todos se cotizaram para comprar o meu computador. Quase desmaiei de tanta felicidade. Foi um presente só, mas que valeu por todos.

Por isso, acho que este ano não vou ganhar nada. Queria qualquer coisa, nem que fosse uma bolinha de gude. Mas parece que o meu Papai Noel virou um bicho papão com seu saco que leva criança pra fazer sabão ao invés de dar um presente. Claro que não acredito nisso, mas que está doendo esta indiferença natalina, está. E como!

Parece que todos me esqueceram. E já são quase onze horas. Noutras ocasiões, neste horário, nós já estávamos ceando e só esperando os sinos da Igreja anunciarem para, então, abrirmos os presentes.

Quando levantei a cabeça, ela não estava mais na sala.

As luzes começaram a tremular, apagando devagar.

Da cozinha vinha um cheiro delicioso de todos aqueles pratos típicos da época. Ela me chamou. Em todas as paredes, enormes tochas estavam acesas, dando um encanto mágico ao lugar. A mesa estava posta para doze pessoas. No centro uma enorme bandeja cheia de frutas. Nas cabeceiras da mesa, ao invés das cadeiras, havia duas cascatas com todo tipo de guloseimas. Havia também dois castiçais, cada qual com doze velas acesas.

De repente, ouvi passos que desciam a escada que dá para os quartos. Senti um calafrio. Vozes começaram a cantar baixinho músicas natalinas e, gradativamente, foram aumentando.

Eu me sentia presa ao chão, totalmente paralisada. Fechei os olhos, rezando baixinho. Senti um arrepio de medo, apesar do reflexo das luzes nas paredes ser encantador. Pauline parecia de cera sob o reflexo das luzes. Seus olhos azuis pareciam vermelhos e, agora, eu daria tudo pra estar em minha casa. Tentei gritar, mas parecia que uma mão de aço apertava a minha garganta. Fechei os olhos com tanta força que senti as pálpebras quererem se partir.

Estremeci quando senti um beijo em meu rosto.

— Surpresa!

Abri os olhos e a luz foi acesa.

Papai se vestia como papai Noel, mas era tudo preto ao invés de vermelho. Ele não suportava o vermelho. Não tinha nenhum saco nas costas, como de costume. Segui o seu olhar sorridente e ele apontou com a cabeça a árvore de natal.

Fui correndo à sala. Minha mãe segurava uma foto com o piano que ganharia. Meu irmão me pediu perdão pela última traquinagem que tinha feito comigo e me deu um atabaque. Minha avó exibia com orgulho o vestido que fez pra eu comemorar meus quinze anos, que será em Janeiro. E meu ídolo maior, tio Fabrí-

cio, entregou-me o cavaquinho e o tamborim que há muito eu desejava.

Já poderia montar a minha banda.

— Mas, por que tantos lugares à mesa, Pauline?

— Surpresa número dois!

Todos meus amigos entraram gritando e quase me sufocando de tantos beijos e abraços.

Jonathan, com seu piano a tiracolo que apareceu como um passo de mágica, começou a tocar a “Ave Maria do morro”, música que adoro. Francesca gesticulando começou a cantar, seguida de Igor, que, embora com uma perna só, conseguia vultear muito bem pelo salão. O lugar estava iluminado de cores laranja, amarelo e vermelho, reflexo do por do sol que havia ficado para o encantamento desta noite.

Shisue, com sua roupinha típica, sorria com a cabecinha sempre ondulando pra cima e pra baixo, parecendo uma pombinha procurando casquinhas de pão num parque.

Eu estava muito feliz, mas continuava intrigada porque ainda sobrava um lugar à mesa. Sentamo-nos para dar o início à ceia depois que todos receberam seus respectivos presentes. Quando levantamos os copos para fazermos o brinde, exatamente à meia noite, um barulho irrompeu da sala, seguido de um grito de dor:

— Me ajudem!

Todos corremos e ficamos parados vendo um homem enorme, com longa barba branca e um saco enorme nas costas, acabar de sair da lareira.

Vocês podem pensar que estou mentindo, mas ele era o pai Noel em literalmente carne. Devia pesar uns duzentos quilos. Não é à toa que ficou entalado na chaminé. Sorriu, aproximou-se de papai e lhe entregou um papel. Agora a mesa estava completa.

Papai leu. Pediu os óculos pra mamãe, leu de novo e, pulando como criança, gritou:

— A casa agora é nossa!

O velho sonho da casa própria. Nem fiquei triste por que o papai Noel só tinha trazido isso. Afinal, era uma casa de verdade. Isso devia ter-lhe custado os olhos da cara, coitado! Sentamo-nos novamente à mesa, agora com o papai Noel verdadeiro.

Quando nos preparávamos novamente para o brinde, entra o Javier atabalhoadamente latindo. Ele ficara no sonho, mas minha mãe:

— Acorde, Edih, já passa das onze horas, filha. E não se esqueça de fazer a cama.

Acordei, e então, fiquei realmente muito triste. Lembrei-me de que meu pai sofrera um acidente de carro enquanto trazia meu tio e minha avó para a ceia. Todos estão bem, mas nosso Natal tinha murchado como flor não regada. E o pior, ainda continuávamos com meia entrada na vida, ou seja, no aluguel, como resmungava minha mãe.

Fiquei mais triste ainda, não pelos presentes perdidos, mas pelo papai Noel realmente não existir, e por ter perdido todas as minhas crenças infantis.

E que pena, meus amiguinhos de pedra e durepox nunca tiveram vida. Só encantos, enquanto durarem as minhas lembranças.



A vertical photograph of a Christmas tree on the left side, illuminated with warm white lights. The tree is set against a dark blue, snowy night landscape. The ground is covered in snow, and there are silhouettes of other trees in the background. The sky is dark with some faint stars and snowflake graphics scattered throughout. The overall mood is serene and festive.

SINOS DE NATAL

Miguel Carqueija

SINOS DE NATAL

Miguel Carqueija

A vistar um céu de verdade, após tantos anos, tinha algo de comovente. Apoiado ao gradil de um dos jardins da praça, Fitzwillie Bell fitou longamente aquela lua cheia, esparzia sua imensa luz sobre o mundo. O firmamento estava cravejado de estrelas e Fitzwillie lamentava, tardiamente, não ter aprendido astronomia para poder reconhecer as constelações.

“Se eles forem minimamente humanos, saberão onde me procurar. Mas o sistema já deixou de ser humano, e os esbirros também não o são.”

Apesar desse raciocínio, Fitzwillie sabia que tudo estava contra ele. Ocasões existem em que o homem se sente mais só do que nunca, sozinho no universo. E, ainda por cima, em um universo hostil.

Fitzwillie sabia que o tempo voa e que não podia se demorar em contemplações. Pôs-se a caminhar no frio da noite, com as mãos nos bolsos do casaco e exalando vapor pelos lábios. Sabia da existência de um ponto de táxi, no lado oposto da imensa praça. Mas isto fora há anos. Existiria ainda? Os olhos azuis de Fitzwillie, sob suas grossas sobranceiras, olharam em volta precavidamente. Seria o cúmulo do azar esbarrar agora com assaltantes noturnos, pois não poderia recorrer à polícia.

Olhando um instante para cima, vislumbrou uma estrelinha móvel que não era senão a Terra 5, isto é, a Penitenciária Espacial, de onde ele viera. Com certeza, já havia todo um aparato à sua

procura, mas o bote espacial espatifara-se a centenas de quilômetros e, a não ser por uma grande sorte, eles não poderiam saber em que ponto do trajeto o fugitivo saltara de paraquedas.

Fitzwillie fitou por alguns instantes a comprida árvore de Natal que, do interior da praça, distribuía a sua luz piscante, proveniente de milhares de lâmpadas coloridas. O espetáculo era em si deslumbrante, mas Bell não nutria grande entusiasmo por tais decorações.

Ele avistou finalmente o ponto de táxis. Àquela hora, só havia alguns poucos de plantão, e Bell estugou os passos. Não poderia perder tempo.

Não estranhou muito em deparar com uma chinesa ou coreana como taxista da vez. Táxi já não era uma profissão tão perigosa, mesmo para mulheres, por causa do monitoramento dos veículos pelo GPS. Aproximou-se e a mulher se separou dos colegas e veio até ele.

— Boa noite. — disse Fitzwillie. — Preciso ir ao Roseiral.

— É um pouco longe. — disse ela, algo admirada.

— É por isso mesmo que eu vou de táxi. — e Fitzwillie sorriu, tentando ser simpático. — Se fosse perto, eu iria a pé.

Ela também sorriu e entrou no veículo. Aquele era um ponto de táxis terrestres. Aliás, naquela cidade ainda eram poucos os aero táxis.

Bell acomodou-se no banco de trás, após informar a rua. Embora houvesse um sistema de comunicação através da vidraça, ele não pretendia manter conversação e esperava que a taxista não fosse loquaz.

Por felicidade, ela não era.

Roseiral era um bairro pobre e mal cuidado, uma prova de quanto estavam equivocadas as velhas utopias de futuros imacu-

lados, como a de *Jetsons*, onde tudo funcionaria às mil maravilhas. Mas, naquele momento, o raciocínio de Bell encontrava-se muito distante do filosofar. Ele pagou a corrida quando o veículo parou diante de uma casa sórdida, caindo aos pedaços, em uma rua esburacada e suja. Àquela hora a via estava deserta, salvo, na esquina, alguns melancólicos cheiradores de ilusionol.

Bell estava preocupado. Não tivera como avisar de sua chegada. Aliás, nem tinha certeza se elas ainda moravam lá.

Aproximou-se do portão e buscou a campainha. Ao pressioná-la, porém, percebeu que estava desligada. De fato, muita gente fazia isso à noite para evitar trotes e visitas indesejáveis.

Bell olhou em volta e, não avistando ninguém a não ser os inofensivos toxicômanos esparramados na esquina, tratou de pular o muro. A casa toda estava às escuras. Já deviam estar dormindo. Chino, o cachorro, não apareceu; provavelmente já teria morrido.

Pé ante pé, chegou à encardida e velha porta e bateu discretamente. Esperou na friagem, em vão, durante minutos. Resolveu, então, bater com mais força. Elas iriam se assustar, mas que mais ele poderia fazer? Não dispunha de comunicador.

Por fim, acendeu-se uma luz na frente da casa, no andar de cima. Apareceu um rosto mal vislumbrado:

— O que é? Como entrou aqui?

— Eugênia! — gritou ele em sussurro.

A luz de uma lanterna atingiu o seu rosto.

— Fitz! É você! Meu Deus!

— Sim, sou eu mesmo.

— Espere um pouco.

Eugênia não se fez esperar. Desceu rapidamente a escada-

ria interna e abriu a porta, atirando-se nos braços do irmão mais novo.

— Que milagre o trouxe aqui, na véspera do Natal?

— E a mãe?

— Ela dorme. Está muito enfraquecida, já vê... mas, o que houve? Deram-lhe liberdade condicional?

— Não. — foi a triste resposta. — Eu fugi.

Ela pareceu muito assustada:

— Mas você não pode fazer isso, Fitz! Virão atrás de você.

— É por isso que eu preciso ver logo a mãe. Não quero que ela morra sem me ver mais uma vez.

— O sistema é tão cruel... — ela sussurrou, mais para si do que para o irmão — entre, por favor.

Eugênia fechou a porta, trancando-a a chave e a trinco.

— E o Chino? — lembrou-se Fitz de indagar.

— Está lá em cima, também, ferrado no sono. Está tão velho... nós não o deixamos mais no quintal... Ficou perigoso por aqui.

— Eu entendo. Vocês deviam se mudar.

— Se tivéssemos feito isso, você não nos encontraria.

Era verdade. Pessoas como Eugênia e Cibelle não sabiam usar o correio cósmico e o contato com Fitzwillie se interrompera havia anos. Bell desgostava do anacronismo da irmã e da mãe, bem como das dificuldades que o sistema carcerário impunha. Nunca lhe permitiram descer à Terra para visitar a mãe idosa e doente, por causa dos custos das viagens espaciais. Dessa maneira, os parentes não mais se viam e nem se falavam, já que o preço

de uma chamada visofônica era também astronômico.

Mas antes de subirem, Fitz levantou uma importante questão.

— Eugênia... o que você vai fazer da sua vida quando mamãe falecer? Vai ficar inteiramente sozinha?

Eugênia, viúva e sem filhos, observou com melancolia.

— Nosso tronco secou, não é mesmo? Também tenho pensado muito nisso. Talvez eu me case de novo, ou talvez adote uma criança. Agora não posso pensar nem numa coisa nem noutra.

Ao subirem a velha e rangente escada de madeira, com seu corrimão carunchado, Eugênia perguntou, esperançosa:

— E você, Fitz? Ainda faltam cinco anos, não é? Não pode conseguir uma redução de pena? Para ajudar a cuidar de nossa mãe!

— Isto seria justo; afinal, eu não matei ninguém. Fui condenado por prática de vigarice. Vendi asteroides antes de chegássemos a eles, mas, de fato, prejudiquei muita gente. Eu me arrependi do que fiz, mas tardiamente.

— Mas, pode ou não?

— Poderia, se tivesse um advogado que prestasse.

Entraram no quarto. O velho e enrugado Chino veio quase se arrastando, mas abanando o rabo, numa tranquila festa a Fitzwillie.

— Ele me reconheceu. — disse o ex-escroque, deixando que o cachorro de raça chinesa lhe lambesse as mãos.

— Cães são muito inteligentes e sensíveis.

— É, eu sei. E a mãe está dormindo...

— Ela terá de acordar para te ver.

Na cama modesta, uma senhora idosa e magra ressonava, de rosto para cima. Seus cabelos eram brancos e ralos e seu aspecto, mesmo no sono, bastante sofrido.

— O que você fará? — sussurrou Eugênia.

— O que eu farei?

— Depois de falar com mamãe. Quer passar a noite aqui?

— Acha que eu deveria? Sou um fugitivo e vocês estariam encrencadas...

— Você crê que nossa mãe, com 84 anos, possa ficar encrencada com a polícia? E eu, que cuidado dela... a Lei me garante esse direito.

Cibelle Bell começou a dar sinal de vida. A sua respiração entrecortou um pouco e, por fim, ela abriu os olhos, fixando-os no visitante.

— Mamãe. — murmurou ele, e adiantou-se. A enferma, num assomo de energia, ergueu-se do leito e pôs-se de pé antes mesmo que o filho a alcançasse. Os dois se abraçaram como há anos não podiam fazer.

— Meu filho! Eu sabia que você voltaria para me ver.

Ela segurou-se nele, trêmula, e ele, quase tão trêmulo quanto ela, mal conseguiu falar:

— Mamãe, me perdoe. É Natal e não te trouxe uma única lembrança...

— E para que isso, Fitz? Você é o meu presente de Natal.

Ela arquejou e estremeceu nos braços dele.

— O que foi, mãe?

As lágrimas escorriam pelo rosto da velhinha.

— Eu pedi muito a Deus que só me levasse depois que pudesse vê-lo e me despedir de você. Eu vou morrer feliz, Fitz. Eu esperarei vocês dois do outro lado.

— Mas o que é isso, mãe? Não vai acontecer nada disso!

— Isso é o que todos dizem, não é, Eugênia? As pessoas convivem diariamente com a morte e passam a vida fingindo que a morte não existe e até tentando convencer disso os doentes terminais. Mas olhem para ele.

Assim dizendo, ela apontou o cachorro. Cibelle, por sua vez, passada a energia inicial, só se mantinha de pé porque Fitzwillie a amparava.

— O velho e bom Chino sabe que vai morrer em breve. E eu também sei. O sacerdote já esteve aqui, foi minha penúltima visita. A antepenúltima foi o médico, e você é a última, meu filho. Agora, morrerei entre meus dois filhos. O que mais posso desejar?

Levaram-na de volta para a cama. E pouco a pouco, a anciã entrou em agonia.

— Temos de chamar um médico. — Bell estava aflitíssimo, mas Eugênia manteve a calma:

— O que ele poderá fazer? O Dr. Mirabeau já esteve aqui hoje, já lhe deu um cordial, mas explicou-me que a sua vida está por um fio. Levá-la para o hospital serviria apenas para que ela sofresse mais.

Fitzwillie pôs a mão na testa, tentando represar o desespero:

— Mas o que ela tem?

— Insuficiência cardíaca, falência dos órgãos vitais. Acho melhor ficarmos com ela até o fim. Era o que eu ia fazer.

Eugênia deitou o cachorrinho junto à agonizante. Ele estava já choroso, como se compreendesse tudo. Eugênia, então, sentou-se perto do rosto da mãe, segurando-lhe uma das mãos. Fitzwillie fez o mesmo do outro lado, angustiado e imerso em pensamentos:

“O que vale para o Homem aventurar-se pelos espaços siderais, conquistar o universo, se continua sujeito ao grande mistério que é a morte? Ou estão certas as pessoas como mamãe e minha irmã, que acreditam num Deus de bondade que aguarda os bons no pórtico do Além?”

Já não pensava, naquele momento, no que iria fazer da sua vida. Só pensava naquela vida tão querida que se extinguia a olhos vistos. E, então, ante as lágrimas que ele e Eugênia derramavam, e como se fosse uma resposta às suas dúvidas, três coisas aconteceram quase simultaneamente:

Cibelle deu um grande suspiro e expirou serenamente.

O cachorrinho ganiu dolorosamente.

E os sinos da igreja próxima badalaram majestosamente, chamando para a Missa do Galo.



